A Liahona 29/9 setembro 1976

NÚMERO ESPECIAL SOBRE A ORAÇÃO

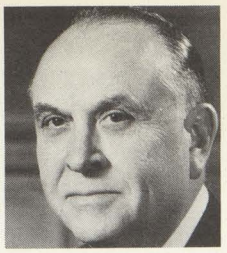
"Sê humilde;
e o Senhor teu Deus te conduzirá pela mão
e responderá às tuas orações."

(D&C 112:10)









A Liahona 29/9 setembro 1976

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight

COMITÊ DE SUPERVISÃO

Robert D. Hales
O. Leslie Stone
David B. Haight
Howard W. Hunter

EDITOR DAS REVISTAS DA IGREJA

Dean L. Larsen

EXECUTIVO DO INTERNATIONAL MAGAZINE

Larry Hiller, Editor Gerente
Carol Larsen, Editor Associado
Roger Gylling, Desenhista

EXECUTIVO DA "A LIAHONA"

José B. Puerta, Coordenador de Línguas
José G. F. da Silva, Correspondente
Moacir S. Lopes, Supervisor de Layout

1 **Mensagem da Primeira Presidência: A ORAÇÃO É A CHAVE,** Presidente Marion G. Romney

5 **ÉLDER DAVID B. HAIGHT — CHAMADO PARA O CONSELHO DOS DOZE,** Jay M. Todd.

7 **POR QUE O SENHOR MANDA ORAR,** Élder Bruce R. McConkie

13 **A FELIZ PAGADORA DE DÍZIMO,** Alice Stratton

15 **SÓ PARA DIVERTIR**

16 **ILHAS DA ALVORADA,** Joan Andre Moore

19 **AMIGOS PARA SEMPRE**

21 **A ORAÇÃO E O PROFETA JOSEPH SMITH,** Truman G. Madsen

22 **VAMOS COM CALMA**

28 **DIÁRIO MORMÓN**
POR QUE CATHY NÃO SE PARECE MAIS COMIGO?, Jane P. Covey

29 **INDUZIDO A JEJUAR,** Feank Aydelotte

29 **FALAMOS SUSSURRANDO,** Myrna Behunin

30 **PRIORIDADES NA BUSCA DE EXCELÊNCIA,** Janath R. Cannon

32 **O PAPEL DA MULHER SERÁ REPRESENTADO NUM MONUMENTO DA SOCIEDADE DE SOCORRO**

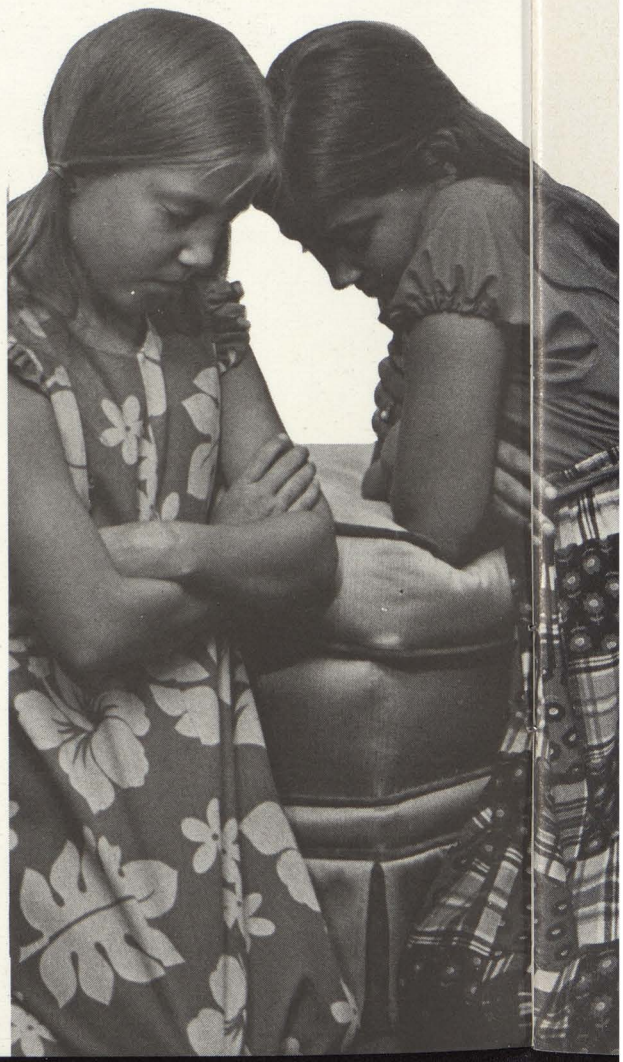
34 **NOTÍCIAS SOBRE O TEMPLO,** por José Glaiton F. da Silva

35 **PERFIL DE UM LÍDER,** Roger E. Beitler

CAPA ANTERIOR: Setembro de 1976. Número Especial sobre a Oração.

"Sê humilde; e o Senhor teu Deus te conduzirá pela mão e responderá às tuas orações." (D&C 112:10)

"Clamai a ele quando estais em vossos campos, sim sobre todos os vossos rebanhos. Clamai a ele em vossas casas e rogai pelos vossos, tanto de manhã como ao meio-dia e à tarde. Rogai-lhe que vos proteja contra o poder de vossos inimigos. Rogai-lhe que vos proteja contra o diabo que é o inimigo de toda justiça... Mas isso não é tudo; é necessário que descerreis vossas almas a Deus, em vossas alcovas, em vossos lugares secretos e em vossos campos. Sim, e quando não clameis ao Senhor, deixai que se encham vossos corações de constantes e fervorosas orações pelo vosso bem-estar, assim como pelo de todos os que vos rodeiam." (Alma 34:20-23, 26-27)



REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor. **SUBSCRIÇÕES:** Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr$ 20,00;** para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea: US$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr$ 2,00; exemplar atrasado: Cr$ 2,50. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.
A LIAHONA — c 1976 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados.
Edição brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. Composta pela Linoletra, R. Abolição, 201, telefone 32 7743. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, R. Peribebuí n.º 331, telefone 276-8222, São Paulo, SP.

Mensagem da Primeira Presidência

A ORAÇÃO É A CHAVE

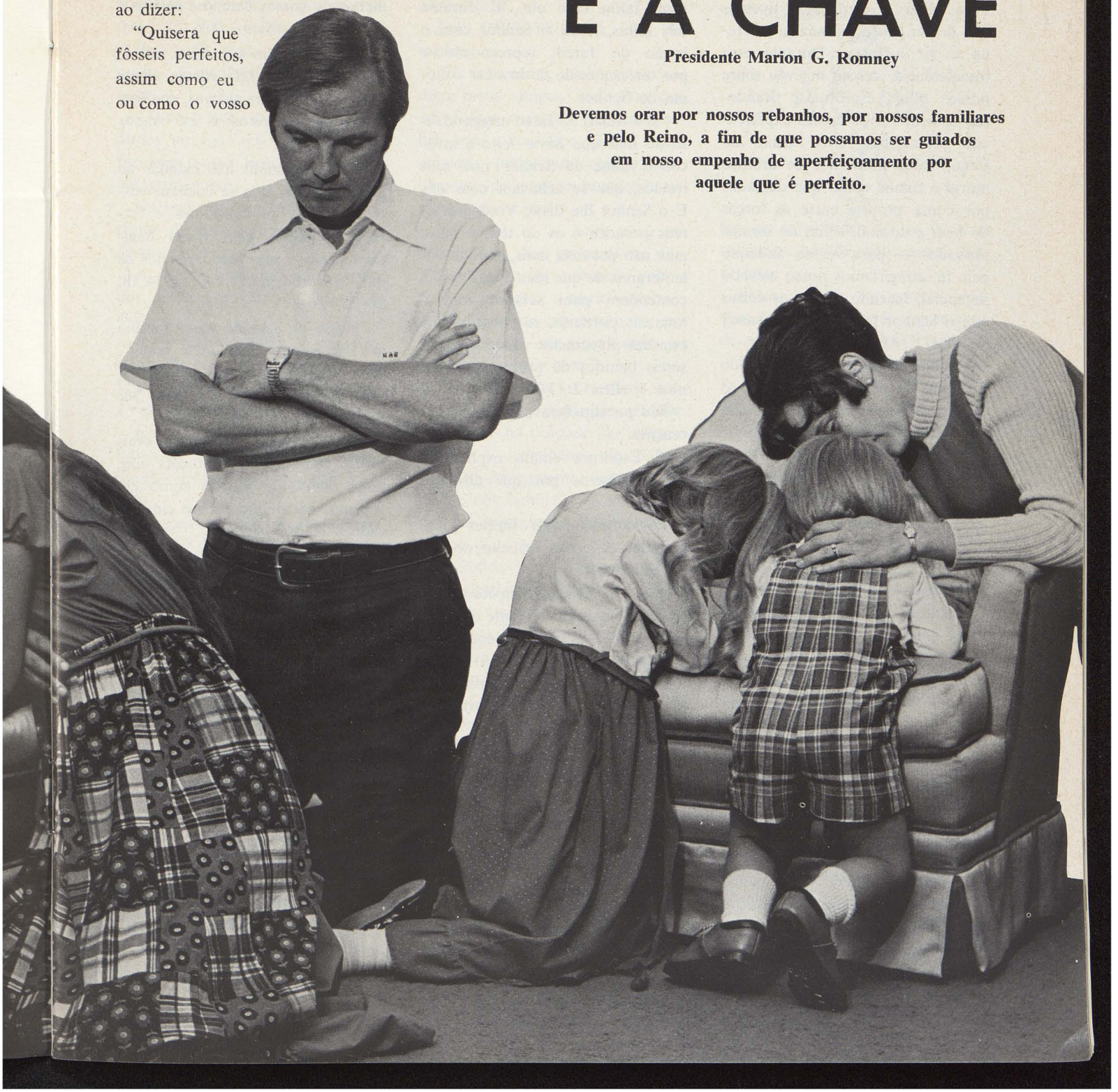
Presidente Marion G. Romney

Devemos orar por nossos rebanhos, por nossos familiares e pelo Reino, a fim de que possamos ser guiados em nosso empenho de aperfeiçoamento por aquele que é perfeito.

Recentemente, alguém propôs a questão: Por que orar?

Devemos orar, porque a oração é indispensável para a obtenção do verdadeiro propósito de nossa vida. Somos filhos de Deus, e como tal, possuímos o potencial de alcançar sua perfeição. O próprio Salvador deu-nos esta esperança, ao dizer:

"Quisera que fôsseis perfeitos, assim como eu ou como o vosso



Pai que está nos céus é perfeito." (3 Néfi 12:48)

Ninguém jamais alcançará essa perfeição, a menos que seja guiado por aquele que é perfeito, e isto só é possível obter através da oração. A existência mortal por que estamos passando agora é uma etapa essencial em nossa ascensão. Para obter a perfeição, tivemos que deixar nossa morada pré-terrena e vir à terra. Durante essa transferência, desceu um véu sobre nossos olhos espirituais, tirando-nos a memória de nossas experiências pré-mortais. No Jardim do Éden, Deus dotou-nos de arbítrio moral e fomos como que deixados por conta própria entre as forças do bem e do mal, a fim de sermos provados — para ver se, andando pela fé, atingiríamos nosso elevado potencial, fazendo "todas as coisas que o Senhor [nosso] Deus [nos] mandar." (Abraão 3:25)

Depois de serem expulsos do Éden, a primeira instrução que o Senhor deu a Adão e Eva foi que orassem. (Vide Moisés 5:5)

Durante seu ministério terreno, Jesus ensinou que os homens deviam "orar sempre e nunca desfalecer." (Lucas 18:1)

À multidão nefita, disse ele: "Deveis sempre orar ao Pai em meu nome." (3 Néfi 18:19)

Nesta última dispensação, dois anos antes de ser organizada a Igreja, o Senhor disse ao Profeta Joseph numa revelação:

"Ora sempre para que possas sair vencedor; sim, para que possas vencer Satanás e escapar das mãos dos servos de Satanás, que apóiam o seu trabalho." (D&C 10:5)

Mais tarde, acrescentou:

"O que digo a um, digo a todos: orai sempre, para que o ser perverso não tenha poder sobre vós e não vos remova do vosso lugar." (D&C 93:49)

A experiência do irmão de Jared dramatiza a seriedade de se desobedecer ao mandamento de orar.

Da torre de Babel, o Senhor guiou a colônia jaredita até o litoral, onde "habitaram em tendas... pelo espaço de quatro anos.

"E... no fim de quatro anos, o Senhor veio de novo ao irmão de Jared e, permanecendo numa nuvem, falou com ele. E durante três horas, falou o Senhor com o irmão de Jared, repreendendo-o por ter esquecido de invocar o nome do Senhor.

"E o irmão de Jared arrependeu-se do mal que havia feito e invocou o nome do Senhor por seus irmãos, que se achavam com ele. E o Senhor lhe disse: Perdoarei os teus pecados e os de teus irmãos; mas não pecareis mais, porque vos lembrareis de que meu Espírito não contenderá para sempre com o homem; portanto, se pecardes até estardes plenamente amadurecidos, sereis banidos da presença do Senhor." (Éter 2:13-15)

Seu pecado fora negligenciar as orações.

A Escritura citada explica-nos adequadamente por que devemos orar.

Parece não haver limites sobre quando, onde e a respeito do que devemos orar.

"... as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus pela oração e súplicas, com ação de graças." (Filipenses 4:6)

"... clamai a ele por misericórdia, porque é poderoso para salvar...

"Clamai a ele, quando estais em vossos campos, sim sobre todos os vossos rebanhos.

"Clamai a ele em vossas casas e rogai pelos vossos, tanto de manhã como ao meio-dia e à tarde.

"Rogai-lhe que vos proteja contra o poder de vossos inimigos.

"Rogai-lhe que vos proteja contra o diabo, que é o inimigo de toda justiça.

"Rogai-lhe que favoreça as colheitas de vossos campos, para poderdes prosperar...

"Mas isso não é tudo: é necessário que descerreis vossas almas a Deus, em vossas alcovas, em vossos lugares secretos e em vossos campos.

"Sim, e quando não clameis ao Senhor, deixai que se encham vossos corações de constantes e fervorosas orações pelo vosso bem-estar, assim como pelo de todos os que vos rodeiam." (Alma 34:18, 20-24, 26-27)

"Rogai no seio de vossa família ao Pai, sempre em meu nome", disse o Salvador, "a fim de que vossas esposas e filhos possam ser abençoados." (3 Néfi 18:21)

"... deverás orar tanto oralmente como em teu coração; sim, tanto diante do mundo como em segredo; em público como em privado." (D&C 19:28)

"Invocai ao Senhor, para que seu reino possa ir avante sobre a terra, e os seus habitantes possam recebê-lo e estar preparados para os dias que virão, nos quais o Filho do Homem descerá dos céus, vestido no resplendor da sua glória, para encontrar o reino de Deus estabelecido sobre a terra.

"Portanto, que o reino de Deus vá avante, para que venha o reino dos céus, para que tu, ó Deus, sejas glorificado nos céus e na terra, e os teus inimigos sejam subjugados; pois tua é a honra, o poder e a glória para todo o sempre. Amém." (D&C 65:5-6)

A oração é a chave que abre a porta para a comunhão com Deus.

"Rogai no seio de vossa família ao Pai, sempre em meu nome, a fim de que vossas esposas e filhos possam ser abençoados." (3 Néfi 18:21)

"Eis, "diz o Senhor", que estou à porta, e bato; se alguém ouvir a minha voz, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo." (Apoc. 3:20)

Jesus fez promessa semelhante aos nefitas:

"E tudo quando pedirdes ao Pai, em meu nome, se pedirdes **o que é direito** e com fé, eis que recebereis." (3 Néfi 18:20; grifo nosso)

Para nós, desta última dispensação, a promessa é formulada assim:

"Tudo o que em meu nome pedirdes ao Pai, ser-vos-á dado, **se for para vosso bem."** (D&C 88: 64; grifo nosso)

Os registros sagrados estão repletos de provas do cumprimento dessas promessas.

A oração proporcionou perdão dos pecados a Enos. (Vide Enos 4-5)

As preces de Alma, o pai, fizeram com que um anjo levasse seu filho, Alma, ao arrependimento. (Vide Mosiah 27:14)

Uma oração trouxe a visita do Pai e do Filho ao Profeta Joseph Smith. (Vide Joseph Smith 2:14-17)

As gaivotas vieram do lago para ajudar a salvar as safras dos pioneiros, em resposta às orações.

Nem toda prece apresenta uma resposta tão espetacular, porém toda oração sincera e fervorosa é ouvida e atendida pelo Espírito do Senhor.

A oração é respondida mais freqüentemente da maneira indicada pelo Senhor, quando falou a Oliver Cowdery:

"Em verdade, em verdade te digo que, se desejas outro testemunho, volve a tua mente para a noite que em teu coração me imploraste para que pudesses saber a verdade com respeito a essas coisas.

"Não dei paz à tua mente quanto ao assunto? Que maior testemunho podes receber que o de Deus?" (D&C 6:22-23)

Nesta última dispensação, o Senhor prometeu a todos nós que, "se me pedirdes, recebereis; se baterdes, ser-vos-á aberto". Em sete diferentes revelações, o Senhor repete tal promessa literalmente — D&C 6:5, 11:5, 12:5, 14:5, 49:26, 66:9, 75:27.

Em D&C 88:62-64, ele diz mais:

"E novamente, na verdade vos digo, meus amigos, que, para que em vossos corações pondereis sobre elas, convosco deixo estas palavras, juntamente com o mandamento de que me procureis, enquanto estou perto —

"Achegai-vos a mim e eu me achegarei a vós; procurai-me diligentemente e me achareis; pedi e recebereis; batei, e abrir-se-vos-á.

"Tudo o que em meu nome pedirdes ao Pai, ser-vos-á dado, se for para o vosso bem."

Eu testifico da veracidade dessas promessas; sei que são verdade.

Sei que as orações são respondidas. À semelhança de Néfi e Enos de antigamente, também nasci "de boa família". Desde pequeno, fui acostumado a ajoelhar-me ao pé da cama pela manhã e à noite todos os dias, e agradecer ao Pai Celestial suas bênçãos e rogar-lhe sua contínua diretriz e proteção. Este hábito conservei através dos anos.

Quando criança, em resposta a uma oração, achava brinquedos perdidos; já rapaz, em resposta à oração, fui levado a encontrar vacas perdidas num matagal. Conheço muito bem aquela sensação de que fala o Senhor, quando disse a Oliver Cowdery:

"Não dei paz à tua mente quanto ao assunto?" (D&C 6:23)

E quando disse mais:

"Mas, eis que eu te digo, deves ponderar em tua mente; depois me deves perguntar se é correto e, se for, eu farei arder dentro de ti o teu peito; hás de sentir assim, que é certo.

"Mas, se não for correto, não sentirás isso, mas terás um estupor de pensamento." (D&C 9:8-9)

Sei o que Enos quis dizer com "a voz do Senhor veio de novo à minha mente" (Enos 10). Desta mesma maneira, recebi resposta a muitas orações.

Tenho testemunhado o cumprimento da promessa do Senhor de que "os que pedirem em meu nome com fé, expulsarão os demônios; curarão os doentes; farão com que os cegos vejam, os surdos ouçam, os mudos falem, e os aleijados andem." (D&C 35:9)

Coloquei à prova a promessa de Morôni, e em resposta às minhas orações, tenho recebido o testemunho divino de que o Livro de Mórmon é verdadeiro. Sei ainda que, orando "com um coração sincero e com real intenção, tendo fé em Cristo", se pode obter conhecimento de "todas as coisas", pelo "poder do Espírito Santo". (Vide Morôni 10:4-5)

Presto meu solene testemunho pessoal de que a oração é a chave que abre a porta para a comunhão com a Deidade.

"Invocai ao Senhor, para que o seu reino possa ir avante sobre a terra, e os seus habitantes possam . . . estar preparados para os dias que virão, nos quais o Filho do Homem descerá dos céus, vestido no resplendor de sua glória." (D&C 65:5)





Élder David B. Haight Chamado para o Conselho dos Doze

Jay M. Todd
Editor gerente do **Ensign**

O Élder David B. Haight, há seis anos assistente do Conselho dos Doze, foi chamado pelo Presidente Spencer W. Kimball para o Conselho dos Doze Apóstolos, preenchendo a vaga deixada pela recente morte do Élder Hugh B. Brown.

Sua ordenação ao santo apostolado realizou-se na quinta-feira, 8 de janeiro, no Templo de Salt Lake. Sua indicação deu-se pouco mais de cinco semanas após a morte do Élder Brown, ocorrida a 2 de dezembro de 1975.

Embora nascido e criado em Idaho, o novo membro dos Doze passou a maior parte de sua vida de adulto na Califórnia, onde se tornou conhecido nos círculos empresariais, cívicos e eclesiásticos por sua grande capacidade de compreender e liderar pessoas, e sua perícia no campo administrativo.

Desde seu chamado, a 6 de abril de 1970, para servir como assistente do Conselho dos Doze, o Élder Haight vem viajando por toda a Igreja em suas designações semanais de conferência, tornando-se respeitado e querido pela habilidade com que ensina os líderes do Sacerdócio a desempenharem seus chamados.

"Sou o tipo de pessoa que dá ênfase à organização. Minha maior preocupação é que nosso povo — todo o nosso povo — entenda seu importante papel na edificação do reino de Deus. Quando vou a uma conferência de estaca, meu objetivo principal tem sido o de ajudar a liderança a entender a importância de seu papel como líderes. Sou adepto incondicional do quadro-negro, desde o momento em que dou início à reunião com a presidência da estaca, o sumo conselho e os bispos, até a hora de terminar. Nós conversamos um pouco. Procuro fazer com que vejam como é razoável e eficiente a organização da Igreja — e como a vida de seus membros será afetada, se fizerem o que a Primeira Presidência pede e se se organizarem de acordo com as sugestões da Igreja. Gosto de ajudar os outros a compreender como cada coisa se encaixa no seu devido lugar — como se encaixa perfeitamente e como funcionará para benefício do povo, quando se organizam devidamente e depois cumprem suas designações."

Terminadas essas conferências estimulantes, o Élder Haight volta para junto da sede da Igreja e sua família, a quem é irrestritamente dedicado. Este ano, ele e sua esposa, a Irmã Rubi Haight, celebrarão quarenta e seis anos de casados; eles têm três filhos casados: Sra. Jon M. (Karen) Huntsman, da Cidade de Lago Salgado, David B. Haight Jr., de Menlo Park, Califórnia, e Robert P. Haight, de Sandy, Utah. "Tenho um filho que é bispo", conta o Élder Haight, "e gosto de chamá-lo ao telefone e perguntar: 'O que anda fazendo de seu tempo, bispo? Então ele talvez responda: 'Tenho que fazer isto e aquilo na capela', e aí eu digo: 'Bem, a Igreja espera que você ponha a família em primeiro lugar.'

"Tenho dito freqüentemente aos nossos líderes: 'Vocês poderão revelar-se excelentes bispos ou presidentes de estaca, mas perder algum de seus familiares por causa de negligência. Como sabem, até mesmo um profeta nosso falou sobre isto: 'Sucesso **algum** pode compensar o fracasso no lar.' Não há nada mais verdadeiro que isso. Assim, todos nós, líderes e membros, temos que aprender quais são nossas responsabilidades e papéis — em nossa família e na Igreja — e ver como se ajustam para o benefício de todos.

"Isto leva a um segundo ponto de que tento lembrar-me, quando me reúno e trabalho com as pessoas. Gosto de ajudá-las a compreender o que acontece em sua vida, quando elas deixam de preocupar-se demasiadamente consigo mesmas e passam a pensar mais nos outros, quando passam a servir os outros. Tenho em grande apreço uma frase dos ensaios do poeta americano Ralph Waldo Emerson: 'Anéis e jóias não são presentes, mas simples arremedo de presente.' O único presente genuíno é dar algo de si mesmo. Prestar serviço a outros é uma parte inerente do Evangelho. Creio que isto foi ensinado maravilhosamente pelo Salvador, ao responder à pergunta sobre qual era a lei maior. Alguns entendidos dizem que os judeus tinham seiscentas e treze leis e regulamentos que governavam sua vida — como plantar as searas, como colhê-las, como limpar e lavar os vegetais e assim por diante. E no meio disso tudo, eles perguntam ao Salvador: 'Qual é o grande mandamento?' E ele, enxergando muito além daquela falação inconseqüente, diz: 'O primeiro e grande mandamento é amar a Deus, o Senhor, e o segundo, amar o próximo como a si mesmo.' (Vide Mateus 22:35-40) Pois bem, isto quer dizer serviço. Se amais ao Senhor, estareis preocupados com o seu trabalho e o sucesso deste. Se amais ao próximo, ireis preocupar-vos com vosso vizinho, com vossos amigos e companheiros, vosso marido, vossa esposa, vossos filhos — e se estais preocupados com eles, isto traz à cena o serviço. Por quê? Por-

que ireis **fazer** algo por eles. Assim, pois, o Senhor inclui o serviço no plano inteiro!"

Um dos traços característicos mais cativantes do novo membro do Conselho dos Doze é que esses sentimentos e idéias expostos com tanta clareza e naturalidade, neste ponto de sua vida são para ele bem mais que simples idéias. Ele está agora com sessenta e nove anos, e assume seu novo chamado após uma vida inteira cultivando e testando os princípios do Evangelho, nos mais diversos cenários e ambientes. Quando afirma com sua maneira calorosa e direta: "O Evangelho funciona; digo-vos que ele funciona", o ouvinte sabe que está falando por experiência própria.

Essa experiência tem sido bastante variada. Nascido em Oakley, Idaho, a 9 de setembro de 1906, criou-se nessa pequena cidade do interior. Seu avô foi o primeiro presidente da Estaca Cassia, de Idaho, e o pai (que faleceu quando o Élder Haight tinha nove anos) era o banqueiro da cidade, senador estadual de Idaho e bispo. Quando moço, David Haight obteve um diploma de professor, a fim de poder ganhar o suficiente para cursar a universidade. Graduou-se em administração de empresas aos vinte e dois anos, na Universidade Estadual de Utah. Dois anos mais tarde, desposava Ruby Olson, e o casal mudou-se para a Califórnia, onde ele devia gerenciar a nova filial de uma loja de departamentos.

Passou a maior parte de sua vida profissional na administração, dentro do campo da indústria mercantil — retornando quatro anos mais tarde às Montanhas Rochosas como gerente mercantil de uma loja de departamentos da Cidade do Lago Salgado; depois, transferiu-se para uma grande cadeia de lojas de departamentos, supervisionando vinte e cinco estabelecimentos na área de San Diego, Califórnia; a seguir, foi para Oakland, no norte da Califórnia, como diretor de distrito. Isto tudo foi interrompido pela II Guerra Mundial. Nesse período, foi promovido até o posto de comandante na Marinha dos Estados Unidos, encarregado de supervisionar a logística e operações táticas para fazer chegar os suprimentos aos lugares certos na hora certa, no Pacífico. Pelo seu desempenho, fez jus a elogios oficiais. Terminada a guerra, reassumiu suas funções na mesma firma mercantil, sendo mandado para Chicago, onde tinha sob sua responsabilidade cento e sessenta e cinco lojas e milhares de funcionários; então, em 1951, aos quarenta e cinco anos de idade, decidiu pôr à prova suas idéias de comercialização e adquiriu diversas lojas de ferragens em Palo Alto, Califórnia.

Enquanto residia em Palo Alto, foi chamado de sua designação de membro do sumo conselho para servir como presidente de estaca — e enquanto ocupava esse cargo foi convidado a candidatar-se como vereador. Isto o levou a dois períodos como prefeito de Palo Alto e nomeações como diretor do Hospital Palo Alto, da Universidade de Stanford e muitos outros cargos cívicos, entre líderes empresariais, profissionais e universitários.

Tendo posto à prova os conceitos do Evangelho na prática em muitos setores, agora o Élder Haight estava preparado para ajudar os outros a obter igual sucesso: foi chamado pelo Presidente David O. McKay para servir como presidente da Missão Escocesa. Após esta experiência, serviu como membro do Comitê Missionário do Sacerdócio e a seguir, como representante regional dos Doze — isto antes do seu chamado de 1970 para servir como assistente dos Doze. Nessa época, mudou-se para Provo, onde, durante três anos, serviu como assistente do Presidente Ernest L. Wilkinson, na Universidade Brigham Young, particularmente na organização do excelente programa de bolsas da escola.

Sua designação para o apostolado veio por volta das 14:00 horas de quinta-feira, 8 de janeiro. "Encontrava-me numa reunião, quando minha secretária recebeu um telefonema, informando que o Presidente Kimball desejava ver-me. Logicamente, telefonemas assim merecem atenção imediata, por isso deixei a sala e disquei o número dado. Eu não sabia qual era o ramal, e o Presidente Kimball, atendendo, disse: 'David, estou aqui no templo e gostaria de falar-lhe a respeito de um imporantte assunto. Poderia vir aqui agora mesmo?' Digo-lhes que jamais me esquecerei daquela caminhada. Fiquei imaginando se teria dito alguma coisa numa conferência de estaca da qual precisava arrepender-me. Pensei se acaso não me estava desincumbindo bem de meus deveres como diretor do Departamento do Sacerdócio de Melquisedeque. Muitas coisas passaram-me pela mente, porém nem a mais leve idéia de ocupar uma vaga no Conselho dos Doze. Julgava-me o último da lista de homens da Igreja em condição de serem chamados. Nunca imaginei tal coisa, realmente. Jamais cobicei um ofício na Igreja. Nunca. Chegando lá, o Presidente Kimball levou-me para uma sala e me falou do chamado. Foi uma experiência inesquecível.

"Quando eu era jovem, apenas um rapazinho em Idaho, costumava preocupar-me com a imagem que os grandes teólogos e pensadores do mundo poderiam dar à Igreja e aos santos dos últimos dias. Dava-me conta de seus esplêndidos e amplos conceitos do homem e de seu humanitarismo. Porém, no decorrer dos anos em que trabalhei, convivi e conversei com muita gente importante — no campo empresarial, militar e universitário — e pude observá-los, aprendi que tais preocupaçõezinhas juvenis não tinham razão de ser. Aprendi que aqueles grandes conceitos alheios, capazes de suplantar os nossos, simplesmente não existem. Com meus próprios olhos e ouvidos, e por experiência própria, digo-vos que quem os tem é o Senhor. Ele tem tudo — os grandes conceitos, as verdades, as alegrias, a organização, o plano, a visão para toda nossa felicidade. Sou feliz de poder prestar este testemunho. Quero que o povo saiba como me sinto a respeito do Evangelho, como me sinto a respeito do grande e glorioso papel que desempenha em nossa salvação, ajudando-nos a obter um completo entendimento das eternidades. Não há nada na terra que se compare a ele. Nada mais! O Senhor e seu plano são nossa resposta."

POR QUE O SENHOR MANDA ORAR

Élder Bruce R. McConkie
do Conselho dos Doze

A parede do lado oeste da sala do Conselho dos Doze, no Templo de Salt Lake, apresenta um quadro do Senhor Jesus orando ao Pai no Jardim de Getsêmani.

Ali nosso Senhor, em angústia indescritível, implorou ao Pai que lhe desse forças para cumprir a expiação infinita e eterna. Ele sofreu tanto física como espiritualmente, numa extensão incompreensível ao homem. Seu sofrimento reduziu à insignificância a subseqüente tortura da crucificação.

Dentre todas as preces jamais proferidas no tempo ou eternidade — por deuses, anjos ou homens mortais — esta se destaca suprema e distinta, acima de todas as demais.

Naquele horto chamado de Getsêmani, fora dos muros de Jerusalém, o maior homem da raça de Adão, aquele cujos pensamentos e palavras, sem exceção, eram perfeitos, suplicou ao Pai que o deixasse triunfar no mais torturante ordálio jamais imposto a um homem ou Deus.

Ali, entre as oliveiras — com espírito de pura adoração e devotamento perfeitos — o Filho de Maria lutou sob o mais excruciante fardo jamais suportado por homem mortal.

Na calma noite da Judéia, enquanto Pedro, Tiago e João dormitavam — com uma prece nos lábios — o próprio Filho de Deus tomou sobre si os pecados de todos os homens, desde que se arrependessem.

Sobre o seu Servo Sofredor, o grande Eloim colocou ali e então, o peso de todos os pecados de todos os homens de todas as eras que crêem em Cristo e buscam sua face. E o Filho, feito à imagem do Pai, implorou-lhe forças para cumprir o principal propósito de sua vinda à terra.

Foi a hora em que a eternidade inteira estava em jogo. Tão imensa era a agonia produzida pelos pecados humanos — jogados sobre aquele que não conhecia pecado — que ele verteu grandes gotas de sangue por todos os poros, fazendo-o desejar intimamente "não ter de beber a amarga taça" (D&C 19:18). Dos albores da criação até aquela hora suprema, e daquela noite de expiação por todas as eras infinitas da eternidade, nunca houve nem jamais haverá outra luta igual àquela.

"O Senhor Onipotente, que reina, que era e que é, de toda a eternidade a toda a eternidade", desceu "dos céus entre os filhos dos homens." (Mosiah 3:5) Ele foi o Criador, Defensor e Preservador de todas as coisas desde o princípio. Fez para si um tabernáculo de barro. Foi a única pessoa nascida neste mundo que tinha Deus por pai, sendo o Filho literal do próprio Deus. E então ali realizou, de modo incompreensível para a mente mortal, a expiação infinita e eterna, pela qual todos os homens ressurgem para a imortalidade, enquanto aqueles que crêem e obedecem, ressurgem também para uma herança de vida eterna. Deus, o Redentor, resgatou os homens da morte temporal e espiritual decorrente da queda de Adão.

E foi naquela hora que ele, elevado com o sacrifício de seu próprio sangue, ofereceu a mais súplice e tocante prece pessoal jamais balbuciada por lábios mortais. Deus, o Filho, orava a Deus, o Pai, a fim de que a vontade de Um pudesse ser absorvida pela vontade do Outro. Ele queria cumprir a promessa feita ao ser escolhido como Redentor, quando disse: "Pai, faça-se a tua vontade e seja tua a glória para sempre." (Moisés 4:2)

É verdade que, como filho obediente, cujo único desejo era fazer a vontade do Pai que o havia enviado, nosso Senhor sempre orava durante a sua vida mortal. De Deus, seu Pai, Jesus herdara os maiores poderes intelectuais e de discernimento espiritual que homem algum jamais possuiu. Todavia, a despeito desses grandes poderes e dons, ele sentia necessidade de orar. Talvez fosse mais correto dizer que orava **por causa** desses poderes e dons maiores. Pois, na verdade, quanto mais espiritualmente perfeita e intelectualmente dotada for a pessoa, mais ela reconhece a necessidade de orar. Ela se dá conta de seu lugar no plano infinito das coisas e, conhecendo seu lugar sabe também que necessita da orientação de um Deus infinito. Por isso, Jesus, mais do que qualquer outro homem, sentia a necessidade de comunhão constante com seu Pai, a fonte de todo poder, toda inteligência e todo bem.

Durante seu ministério, Cristo escolheu seus doze apóstolos, os quais deviam ser testemunhas especiais designadas a testificar dele e de sua lei "aos confins da terra" (D&C 109:23), e que haveriam de assentar-se com ele em doze tronos para julgar toda a casa

"Acima de todas as outras petições, deveríamos implorar a companhia do Espírito Santo nesta vida e pela vida eterna no mundo vindouro."





de Israel. Como ele os escolheu? A Bíblia diz: "E aconteceu que subiu ao monte a orar, e passou a noite em oração a Deus." Vindo a conhecer, assim, o pensamento e a vontade daquele que o havia gerado, "quando era já dia... escolheu doze, a quem também deu o nome de apóstolos." (Lucas 6:12-13)

Quando chegou a hora de sua prisão e sofrimento, restava mais uma grande verdade que precisava incutir nos Doze — que, para terem êxito na obra que lhes fora designada e merecerem recompensa eterna com ele e seu Pai, deviam ser um como ele e o Pai eram um. Naquela hora de suprema importância, ele ensinou esta verdade como parte da sublime oração intercessória. Fragmentos dela nos foram preservados em João 17.

Após sua ressurreição, ele continuou orando ao Pai! Lembrai-vos, após a ressurreição. Depois, quando glorificado e aperfeiçoado, procurou dar aos nefitas a mais transcendental experiência espiritual que eram capazes de suportar. Ele o fez não por meio de uma prédica, mas numa oração. "As coisas que disse não podem ser escritas", dizem os anais, mas aqueles que as ouviram testificaram:

"Os olhos jamais viram e os ouvidos jamais ouviram até agora coisas tão grandes e maravilhosas como as que vimos e ouvimos Jesus dizer ao Pai;

"E não há língua que possa falar, nem homem que possa escrever, nem podem os corações dos homens conceber tão grandes e maravilhosas coisas como as que vimos e ouvimos Jesus dizer; e ninguém pode calcular a extraordinária alegria que encheu nossas almas na ocasião em que o vimos orar por nós ao Pai", (3 Néfi 17:15 17)

Mas ali, no Getsêmani, como um exemplo para todos os homens sofredores, acabrunhados ou que estejam em angústia, ele extravasou sua alma ao Pai. Quais foram suas súplicas, que expressões de doutrina proferiu, que palavras de glória e adoração então falou, não sabemos. Talvez, como a prece entre os nefitas, suas palavras no Getsêmani não pudessem ser escritas, mas entendidas unicamente pelo poder do Espírito. Sabemos que em três momentos distintos de sua oração, ele disse em essência: "Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice: todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres." (Mateus 26:39)

Quando disse ao Pai, ali no Getsêmani "não se faça a minha vontade, mas a tua", diz a Bíblia: "E apareceu-lhe um anjo do céu, que o confortava.

E, posto em agonia, orava mais intensamente. E o seu suor tornou-se em grandes gotas de sangue, que corriam até o chão." (Lucas 22:42-44)

Eis uma coisa maravilhosa. Notai bem. O Filho de Deus "orava mais intensamente"! Aquele que fazia tudo com perfeição, aquele cujas palavras todas eram certas, cujas ênfases eram todas apropriadas; aquele a quem o Pai concedera seu Espírito liberalmente; aquele que era o único ser perfeito que jamais pisou os caminhos poeirentos do planeta terra — o Filho de Deus "orava mais intensamente". Ele ensinou a nós, seus irmãos, que todas as orações, incluindo a sua, são diferentes. Ensinou-nos que a necessidade maior suscita súplicas mais intensas e fervorosas diante de Deus.

" 'Orai uns pelos outros para que sareis', diz Tiago aos membros da Igreja, pois 'a oração de um justo pode muito em seus efeitos' " (Tiago 5:16)



Deveríamos procurar aprender e viver a lei da oração de tal modo que, como ele, pudéssemos ir aonde ele e seu Pai estão. Lembrando-nos dessa meta, façamos um resumo do que está realmente envolvido no glorioso privilégio de orar. Aprendamos a fazê-lo destemida e eficazmente. Não oremos apenas com palavras, mas em espírito e poder, para que assim façamos recair sobre nós, assim como Cristo, os próprios poderes do céu. Quem sabe estes dez itens nos ajudem a cristalizar nossas idéias e nos sirvam de guia para o aperfeiçoamento de nossas orações pessoais.

1. O Que é a Oração

Houve tempo em que habitávamos com nosso Pai. Víamos sua face e conhecíamos a sua vontade. Falávamos com ele, ouvíamos sua voz e dele recebíamos conselhos e orientação. Tal era nossa condição como filhos espirituais na vida pré-mortal. Então andávamos por vista. (Vide 2 Cor. 5:7)

Agora estamos muito distantes da presença divina; não mais contemplamos a sua face nem ouvimos sua voz como fazíamos então. Agora andamos pela fé. Porém, nós precisamos de seus conselhos e orientação tanto ou mais do que quando vivíamos entre todos os anjos dos céus antes de o mundo ser criado. O Pai benevolente, em sua infinita sabedoria, conhecendo nossas necessidades, deu-nos a oração como um meio de comunicação com ele. Conforme escrevemos noutra parte:

"Orar é falar com Deus, seja por palavras ou formando na mente os pensamentos envolvidos na prece. As orações podem muito bem incluir expressões de louvor, agradecimento e adoração. São o momento solene em que os filhos de Deus pedem ao Pai Eterno as coisas, tanto temporais como espirituais que julgam necessárias para sustê-los em todas as variadas provações da vida eterna. As orações são momentos de confissão — momentos quando em humildade, de coração quebrantado e espírito contrito (vide 2 Néfi 2:7), os santos confessam seus pecados a Deus e imploram que [lhes] conceda seu perdão purificador." (**Mormon Doctrine**, 2.ª ed., p. 581)

2. Por Que Oramos

São três os motivos fundamentais por que oramos:

a. **Orar é um mandamento.** A oração não é uma coisa de significância relativa a que podemos recorrer segundo nosso capricho, mas sim um decreto eterno de Deus. "... te arrependerás e invocarás a Deus em nome do Filho para todo o sempre", foi a sua palavra na primeira dispensação. "E Adão e Eva, sua esposa, não cessaram de clamar a Deus." (Moisés 5:8, 16) Em nossos dias, somos instruídos: "Pedi, e recebereis; batei, e ser-vos-á aberto." (D&C 4:7) Na Igreja são designados mestres visitantes para "visitar a casa de cada membro, exortando-o a orar em voz alta e em segredo." (D&C 20:47) E falando como "mandamento" ao seu povo dos últimos dias, diz o Senhor: "Quem não observar, no devido tempo, as suas orações perante o Senhor, que seja lembrado diante do juiz de meu povo." (D&C 68:33)

b. **Bênçãos temporais e espirituais seguem a oração correta.** Conforme mostram todas as revelações, as portas do céu se abrem livremente aos que oram com fé; o Senhor derrama justiça sobre eles; eles são protegidos em circunstâncias perigosas; a terra lhes concede seus frutos; e têm em seus corações as alegrias do Evangelho.

c. **A oração é essencial para que nos salvemos.** Nenhuma pessoa responsável jamais ganhou ou ganhará repouso no reino celestial, sem aprender a comunicar-se com o Mestre do reino. "Pois como pode um homem conhecer o mestre a quem não serviu, que lhe é estranho e que está longe dos pensamentos e intenções de seu coração?" (Mosiah 5:13)

3. Orar ao Pai

Somos mandados orar ao Pai (Eloim) em nome do Filho (Jeová). As revelações são perfeitamente claras quanto a isto. "Deveis sempre orar ao Pai em meu nome", disse Jesus aos nefitas. (3 Néfi 18:19) Ainda assim, existe uma porção assombrosa de falsa doutrina e falsa prática nas igrejas cristãs e ocasionalmente até mesmo entre os verdadeiros santos.

"O costume na Igreja... é fazer oração em família duas vezes ao dia, além das orações pessoais diárias, mais a bênção dos alimentos nas refeições."



Há os que oram aos pretensos "santos", rogando-lhes que intercedam por eles junto a Cristo. Os livros oficiais de orações de várias seitas contêm algumas preces endereçadas ao Pai, outras ao Filho e outras ainda ao Santo Espírito. Em certas igrejas é antes exceção do que regra, quando alguma oração é oferecida em nome de Cristo. Há pessoas que pensam conseguir certo relacionamento especial com nosso Senhor, fazendo suas petições diretamente a ele.

É verdade que, quando oramos ao Pai, a resposta vem do Filho, porque "há... um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem." (1 Tim. 2:5) Joseph Smith, por exemplo, perguntava ao Pai, em nome do Filho, para obter resposta às suas perguntas; a voz que respondia não era a do Pai, mas do Filho, porque Cristo é nosso advogado, nosso intercessor, o Deus (abaixo do Pai) que rege e governa esta terra.

É verdade que às vezes, em suas respostas, Cristo assume a prerrogativa de falar como se fora o Pai, pela autoridade nele divinamente investida. Isto é, ele fala na primeira pessoa e usa o nome do Pai, por que este deu seu próprio nome ao Filho. Para uma explicação ampla deste ponto, vide o pronunciamento oficial: "O Pai e o Filho: Uma Exposição Doutrinal da Primeira Presidência e dos Doze", a partir da p. 421 do livro **Regras de Fé,** de James E. Talmage.

É verdade também que nós e todos os profetas podemos, com propriedade, dar louvores ao Senhor Jeová (Cristo). É próprio cantarmos ao seu santo nome, como no brado "Aleluia", que significa louvor a Jeová. Porém, o que devemos entender claramente é que sempre oramos ao Pai, não ao Filho, e sempre o fazemos em nome do Filho.

4. Pedir Bênçãos Temporais e Espirituais

Temos o direito e espera-se que oremos por todas as coisas de que realmente necessitamos, sejam elas de caráter temporal ou espiritual. Não temos um direito ilimitado de petição: nossos pedidos devem basear-se na justiça. "Pedis e não recebeis, porque pedis mal, para o gastardes em vossos deleites." (Tiago 4:3)

Quando enumera as coisas pelas quais deveríamos orar, Amuleque fala de colheitas e rebanhos, de campos e manadas, bem como de misericórdia e salvação. (Vide Alma 34:17-29) A Oração do Senhor diz "o pão nosso de cada dia" (vide Mat. 6:11), e Tiago nos recomenda que peçamos sabedoria (vide Tiago 1:5), o que em princípio quer dizer que devemos buscar todos os atributos da santidade. Nossa revelação diz: "Sois mandados em todas as coisas a pedir a Deus." (D&C 46:7) (Néfi diz: "Nada deveis fazer com respeito ao Senhor sem antes orar ao Pai, em nome de Cristo, para que ele consagre vossa ação e para que vossa obra possa reverter em bem-estar para vossa alma." (2 Néfi 32:9) E a promessa do Senhor a todos os fiéis é: "Se pedires, receberás revelação sobre revelação, conhecimento sobre conhecimento, para que possas conhecer os mistérios e as coisas pacíficas — aquilo que traz alegria, que traz vida eterna." (D&C 42:61)

É claro que devemos orar com sabedoria e retidão por tudo o que seria justo recebermos. Sem dúvida, devemos buscar um testemunho, revelações, todos os dons do Espírito, incluindo o cumprimento da promessa de Doutrina & Convênios 93:1 — de vermos a face do Senhor. Mas, acima de todas as outras petições, deveríamos implorar a companhia do Espírito Santo nesta vida e pela vida eterna no mundo vindouro. Quando os doze nefitas "oraram por aquilo que mais desejavam", conta o Livro de Mórmon, foi para "que o Espírito Santo lhes fosse dado". (3 Néfi 19:9) O maior dom que um homem poderá receber nesta vida é o dom do Espírito Santo, assim como o maior dom que poderá ganhar na eternidade é a vida eterna.

5. Orar Pelos Outros

Nossas preces não são egoístas nem egocêntricas. Nós buscamos o bem-estar espiritual de todos os homens. Algumas orações nossas são em prol de todos os filhos de nosso Pai. "Não rogo pelo mundo", dizia Jesus, em sua grande oração intercessória, "mas por aqueles que me deste." (João 17:9) Mas também ordenou: "Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei o bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem." (Mateus 5:44)

E assim, exatamente como Cristo "é o Salvador de todos os homens, principalmente dos fiéis" (1 Tim 4:10), nós oramos por todos os homens mas especialmente por nós mesmos, nossos familiares, pelos santos em geral, e por aqueles que desejam crer e conhecer a verdade. Temos preocupação particular pelos enfermos que pertencem à família da fé (D&C 121:45) e pelos que estão investigando o Evangelho restaurado. "Orai uns pelos outros, para que sareis", diz Tiago aos membros da Igreja, pois "a oração feita por um justo pode muito em seus efeitos." (Tiago 5:16) E quanto aos que freqüentam nossas reuniões e procuram conhecer a verdade, diz o Senhor Jesus: "Rogareis por eles ao Pai, em meu nome", na esperança de que se arrependam e sejam batizados. (3 Néfi 18:23; vide igualmente vers. 30)

6. Quando e Onde Orar

"Orai sempre". (Vide 2 Néfi 32:9) Assim está escrito — querendo dizer: Orai regularmente, consistentemente, todos os dias e também, vivei tendo sempre presente o espírito de oração, para que vossos pensamentos, palavras e atos possam ser em todos os momentos agradáveis àquele que é Eterno. Amuleque fala de orarmos "de manhã como ao meio-dia e à tarde", dizendo que devemos descerrar nossa alma ao Senhor em nossas alcovas, em nossos lugares secretos e nos campos. (Vide Alma 34:17-29) Jesus mandou que fizéssemos orações pessoais e em família: "Deveis velar e orar sempre", disse ele; e também: "Rogai no seio de vossa família ao Pai, sempre em meu nome, a fim de que vossas esposas e filhos possam ser abençoados." (3 Néfi 18:15, 21)

O costume na Igreja, hoje, é fazermos oração em família duas vezes ao dia, além das orações pessoais diárias, mais a bênção dos alimentos nas refeições (exceto em lugares públicos ou outras circunstâncias em que seria ostentoso ou impróprio) e ainda as orações apropriadas em nossas reuniões.

7. Como Orar

Dirigir-se sempre ao Pai; dar graças pelas bênçãos recebidas; pedir-lhe as coisas justas e necessárias; e fazê-lo em nome de Jesus Cristo.

Conforme a ocasião e as circunstâncias requererem e permitirem, confessai vossos pecados; aconselhai-vos com o Senhor sobre vossos problemas pessoais; louvai-o por sua bondade e misericórdia; e pronunciai expressões de adoração e doutrina que vos levem a um estado de comunhão com ele.

"Depois de haverdes praticado tudo isso, se negardes ao necessitado e ao despido, e não visitardes os aflitos e doentes, nem repartirdes o vosso sustento. . . com os que necessitam. . . vossas orações serão baldadas e de nada valerão." (Alma 34:28)

Duas diretrizes para uma oração aceitável, freqüentemente esquecidas, ignoradas e muito necessárias:

a. **Orar sinceramente.** Meras palavras não bastam. Repetições vãs não são suficientes. A excelência de estilo de pouco vale. Na verdade, a autêntica eloqüência ao orar não reside na elegância da linguagem (embora seja recomendável buscá-la), mas no sentimento que acompanha as palavras, por mais inadequada que seja sua escolha ou fraseado. Mórmon dizia: "Rogai ao Pai com toda a energia de vossos corações." (Morôni 7:48) Igualmente, "se um homem ora sem verdadeira intenção de coração, de nada lhe aproveita e lhe é imputado por mal, pois a esse não o recebe Deus." (Morôni 7:9)

b. **Orar pelo poder do Espírito Santo.** Isto é a suprema e máxima realização na prece. A promessa é: "O Espírito ser-vos-á dado pela oração da fé"; (D&C 42:14), e se sois purificados e lavados de todo pecado, em nome de Jesus Cristo pedireis ao Pai, seja o que for que quiserdes, e será feito." (D&C 50:29) Sobre a vinda da era milenial, quando as orações serão aperfeiçoadas, dizem as Escrituras: "E naquele dia qualquer coisa que o homem pedir, ser-lhe-á dada." (D&C 101-27)

8. Usar Ambos: Arbítrio e Oração

Por mais que o busquemos em oração, nunca foi, não é, e jamais será intenção do Senhor resolver todos os nossos problemas e preocupações sem luta e empenho de nossa parte. A mortalidade é um estado de provação. Nela dispomos de nosso arbítrio. Estamos sendo provados, para verificar como reagimos em diversas situações; como decidiremos as coisas; qual o curso que seguiremos, enquanto andamos por aqui, não por vista, mas pela fé. Por isso, temos que resolver nossos próprios problemas e depois aconselharnos com o Senhor, orando, para receber a confirmação espiritual de que nossas decisões são corretas.

Conforme o exposto no trabalho de tradução do Livro de Mórmon, Joseph Smith não perguntava simplesmente ao Senhor o que significavam aqueles caracteres das placas; pelo contrário, era obrigado a ponderar o assunto mentalmente, chegar a uma conclusão própria, e depois perguntar ao Senhor se estava certo. (Vide D&C 8 e 9) O mesmo acontece conosco em tudo o que tivermos de fazer. Oração e esforço andam juntos. Se e quando tivermos feito tudo ao nosso alcance, aconselhando-nos com o Senhor através de fervorosa e intensa oração, aí teremos o poder de chegar às conclusões corretas.

9. Seguir as Formalidades da Oração

Estas (embora numerosas) são simples e fáceis, contribuindo para o espírito ou adoração que acompanham a oração sincera e eficaz. Nosso Pai é glorificado e exaltado — é um ser onipotente. Comparados a ele, somos como o pó da terra; não obstante, somos filhos seus e temos acesso a ele através da oração. Qualquer ato de obediência que nos coloque na adequada disposição de espírito, quando oramos, só nos fará bem.

Buscamos a orientação do Santo Espírito em nossas orações. Ponderamos em nosso coração a natureza solene da eternidade. Oramos à Deidade com espírito de assombro, reverência e adoração. Falamos em tons abafados e solenes, atentos à sua resposta. Orando, estamos em nossa melhor condição. Encontramo-nos na presença de Deus.

"Oramos à Deidade com espírito de assombro, reverência e adoração... Por isso, quase por instinto, tomamos atitudes como inclinar a cabeça e fechar os olhos; cruzar os braços ou cair de joelhos."



Por isso, quase por instinto, tomamos atitudes como inclinar a cabeça e fechar os olhos; cruzar os braços, cair de joelhos, ou esconder o rosto. Empregamos linguagem sagrada própria, e dizemos "Amém", quando uma pessoa ora pelo grupo, tornando, assim, nossas as suas palavras, sua oração a nossa oração.

10. Viver Como Oramos

Existe um velho adágio que diz: "Se não puder orar sobre o que está fazendo, não o faça", pretendendo ligar atos e orações, é verdade que nossos feitos, em larga escala, são resultado de nossas preces. Tendo orado, agimos; nossas justas petições têm o efeito de nos traçar um curso justo de conduta. O rapaz que ora (com sinceridade, fé e devoção) para que possa fazer missão, irá preparar-se para ela e de fato acaba recebendo seu chamado para servir. Os jovens que oram sempre, com fé, pelo casamento no templo e depois agem de acordo, jamais se satisfarão com um casamento mundano. Oração e obras encontram-se tão interligadas, que, depois de expor a lei da oração em detalhes, Amuleque conclui:

"Depois de haverdes praticado tudo isso, se negardes ao necessitado e ao despido, e não visitardes os aflitos e doentes, nem repartirdes o vosso sustento, se o tendes, com os que necessitam, eu vos digo, se não praticardes nenhuma destas coisas, eis que vossas orações serão baldadas e de nada vos valerão, e sereis como os hipócritas que negam a fé." (Alma 34:28)

Falamos até agora, resumida e incompletamente da oração e alguns dos grandes e eternos princípios a ela atinentes. Resta apenas mais uma coisa — testificar que essas doutrinas são corretas e que a oração é uma realidade ativa que conduz à vida eterna.

A oração pode assemelhar-se a um palavrório caótico para a mente carnal; contudo, para os santos de Deus, ela significa o meio de comunicação com a Divindade que não podemos ver.

Ao descrente e recalcitrante, pode parecer um ato de piedade insensata, produto de instabilidade mental; mas para aqueles que provaram de seus frutos, torna-se uma âncora para a alma, através de todas as tormentas da vida.

A oração é uma instituição de Deus — não as vãs repetições dos pagãos, nem a retórica dos livros de orações ou o balbuciar de homens insinceros, libidinosos — mas aquela prece nascida do conhecimento, nutrida pela fé em Cristo, oferecida em espírito e em verdade.

A oração abre as portas para a paz nesta vida e a vida eterna no mundo vindouro; é essencial para a salvação. A menos e até que se torne parte de nossa vida falar assim com nosso Pai e ouvir sua voz responder, pela força de seu Espírito, continuaremos imersos em nossos pecados.

Estas coisas todas eu testifico, e rogo ao Pai em nome do Filho, que todos os santos dos últimos dias, bem como todos os do mundo que a eles se unirem, possam — por meio da oração e do viver justo resultante dela — obter paz e alegria aqui, e a plenitude eterna de todas as coisas no além. Mesmo assim. Amém.

A FELIZ PAGADORA DE DÍZIMO

Alice Stratton

Nos primeiros tempos da Igreja, os santos dos últimos dias muitas vezes pagavam o dízimo com parte de suas safras e criações. Esse costume se chamava pagar o dízimo em espécie. Muita gente não tinha dinheiro suficiente, mas queria demonstrar sua obediência a esta lei de Deus — a lei do dízimo. Assim, construíram-se muitos armazéns do bispo, a fim de estocar os dízimos. Mas, à medida que a Igreja foi crescendo, tornou-se mais fácil para os bispos receber o dízimo em dinheiro. Hoje em dia, o dízimo é raramente pago em espécie.

Esta história verídica aconteceu em Hurricane, Utah, quando ainda era coisa comum pagar-se o dízimo em espécie.

Kate e Mildred, irmãs mais velhas de Alice, entraram na sala, carregando ambas uma latinha reluzente que tilintava com o som de moedinhas, que esvaziaram em cima da mesa para serem contadas.

— O bispo vai ficar contente, quando eu entregar meu dinheiro do dízimo, — comentou Mildred, com orgulho.

— Depois ele vai dizer: "Boas meninas", — acrescentou Kate.

Vendo as irmãs contando as moedas que iam entregar ao bispo, a pequena Alice desejou também poder pagar dízimo. Ela não sabia muita coisa sobre dízimo, mas gostava de ir sentada bem no alto da carga de feno, enquanto os cavalos trotavam pela estrada poeirenta até o celeiro do dízimo. E gostava de ver a mãe tirar a manteiga dourada e firme da forma de madeira, pondo parte de lado como "manteiga de dízimo". E as



galinhas também botavam "ovos de dízimo."

Alice correu para a cozinha, onde a mãe estava ocupada amassando pão.

— Quando vou poder pagar dízimo? — perguntou.

As mãos sujas de massa pararam por um momento na bacia de zinco. A mãe olhou Alice por um longo minuto, depois sorriu:

— Não é que você está ficando uma menina grande?! Já vai fazer cinco anos no próximo verão. É lógico que queira pagar o dízimo. Diga a suas irmãs que esperem até eu terminar aqui, e você poderá ir com elas.

Entrando na sala a dançar, Alice anunciou contente: — Eu também vou à casa do bispo.

— Você pode ir, mas não tem nenhum dízimo, — disse Kate.

— Esperem pela Alice, — chamou a mãe. Depois de lavar as mãos, acrescentou:

— Venha comigo.

Alice a seguiu até o celeiro, onde a mãe pegou um punhado de grãos e os espalhou no terreiro, chamando as galinhas.

As galinhas rodearam-na gulosamente, e assim foi fácil a mãe apanhar um frango pelas asas, segurando-o com firmeza, enquanto ele cacarejava alarmado.

— Pegue aqui — disse ela, entregando o frango a Alice. — Segure-o, enquanto lhe amarro as pernas.

Apanhou um pedaço curto de cordão usado de um feixe que estava na cerca, explicando enquanto amarrava as pernas do frango:

— Você trabalhou bastante, dando comida às galinhas e apanhando ovos. Pode levar este frango ao bispo como seu dízimo.

— Eu vou pagar dízimo! De verdade, de verdade! — Alice saiu correndo e gritando.

As irmãs acharam graça do frango se retorcendo nos braços de Alice.

Ao longo das cercas, floresciam margaridas-do-campo, e ramos folhosos de árvores frutíferas farfalhavam acima delas, enquanto andaram os seis quarteirões até a casa do bispo. Alice afagava o frango, que retribuía cacarejando. O sol tirava reflexos verdes e dourados de sua lustrosa plumagem negra. Garanto que o bispo não tinha visto um frango mais bonito que aquele.

Vendo as crianças entrarem pelo portão, o bispo abriu a porta da frente.

— Entrem, entrem, — convidou alegremente. Depois, vendo o frango nos braços de Alice, perguntou: — Ora, ora, e o que é isto?

— É um frango de dízimo, — respondeu Alice, orgulhosamente.

— E que beleza de frango, — disse o bispo, tomando-o delicadamente dos braços dela, para colocá-lo na varanda. Depois, fez as crianças entrarem.

— Sentem-se, meninas — disse. Tomou lugar na escrivaninha, e Kate e Mildred entregaram suas moedas. As crianças ficaram sentadas nas reluzentes cadeiras de encosto alto, olhando a bonita sala, enquanto o bispo preenchia os recibos.

Destacando os recibos do bloco, o bispo levantou-se.

— Muito bem, muito bem, — dizia ele ao entregar um recibo a cada uma.

— Quer fazer o favor de ler meu recibo para mim? — pediu Alice.

— Com todo prazer, — replicou o bispo. Tomando-o de suas mãos, ele leu: "Alice Isom contribuiu voluntariamente com um frango preto à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Ultimos Dias." Ela reteve o fôlego.

— Minha nossa! A Igreja de Jesus Cristo é tão grande e eu tão pequena. E contribuí de verdade para esta grande e maravilhosa igreja.

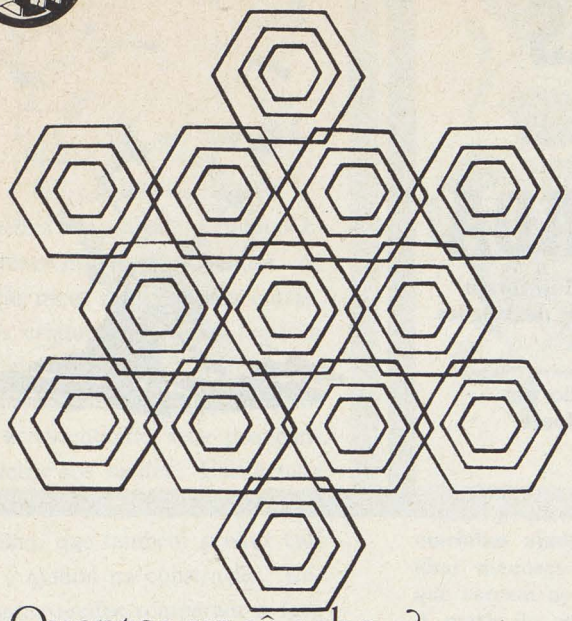
Pegando seu recibo, correu feliz até a varanda.

— Veja aqui, seu frango, — disse, mostrando-lhe o recibo, — agora você pertence à Igreja, porque eu dei você a ela. Isto faz de você um frango mórmon.

O bispo e sua esposa estavam na porta, rindo com gosto. Alice saiu correndo na frente das irmãs, sentindo-se a mais feliz pagadora de dízimo de toda a cidade.

SÓ PARA DIVERTIR

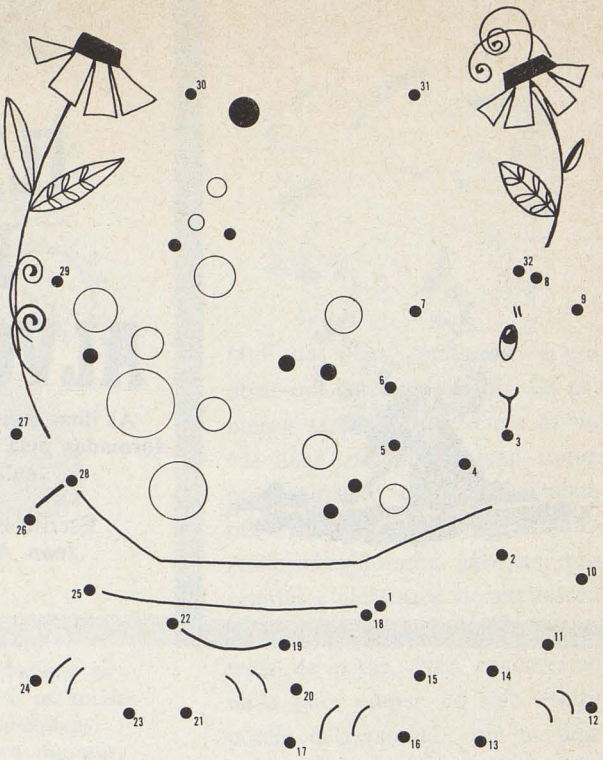




Quantos você achou?

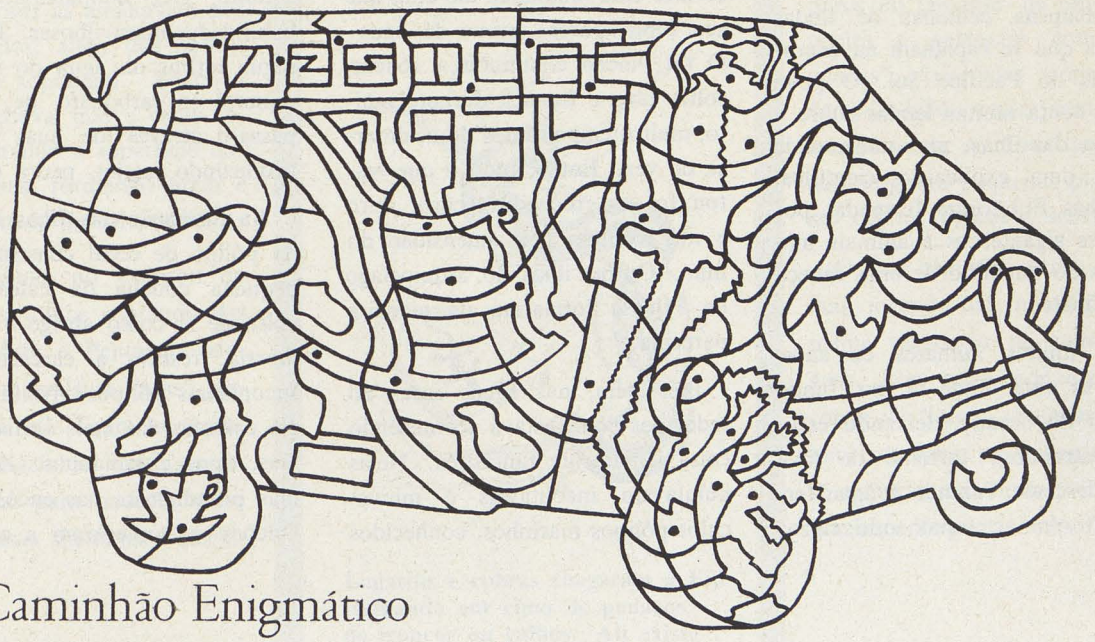
Richard Latta

Neste desenho, existem 39 hexágonos, 24 losangos e 12 triângulos. Você é capaz de descobrir todos?



Quebra-cabeças de Pontinhos

Beverly Johnston



O Caminhão Enigmático

Carol Conner

Encha todos os espaços marcados com um pontinho e veja o que colocaram dentro do caminhão.



ILHAS DA ALVORADA

As ilhas maiores de Fiji foram formadas pela irrupção de vulcões submarinos.

Escrito e ilustrado por
Joan Andre Moore



As crianças de Fiji vivem numa terra completamente diferente dos imensos continentes que a maioria de nós chama de pátria. Toda rodeada de quilômetros e mais quilômetros de mar, pontilham-na centenas de lindas ilhotas que se espalham na encruzilhada do Pacífico Sul. O povo de lá conta muitas lendas sobre a origem das ilhas, mas na verdade existe uma explicação científica. As Ilhas Fiji foram formadas por vulcões gigantescos e animais marinhos do tamanho de uma cabeça de alfinete.

Há muitos milhares de anos, abriu-se uma fenda lá no fundo escuro do oceano, deixando escapar estrondosa torrente de lava incandescente, fazendo a água ferver e espumar, espalhando cinzas por todos os lados. No fim, restou uma pequena montanha submarina. De tempos em tempos, deram-se novas irrupções, e toda vez a lava ia-se amontoando, até formar uma montanha tão alta, que seu topo aparece acima da água. O tal vulcão continuou a roncar, soltar lava e fumaça durante muito, muito tempo, antes de acalmar-se de vez. Então, tudo o que restou foi um rochedo escuro, duro e nu, rodeado pela imensidão do mar. Outras ilhas do arquipélago de Fiji se formaram de maneira parecida.

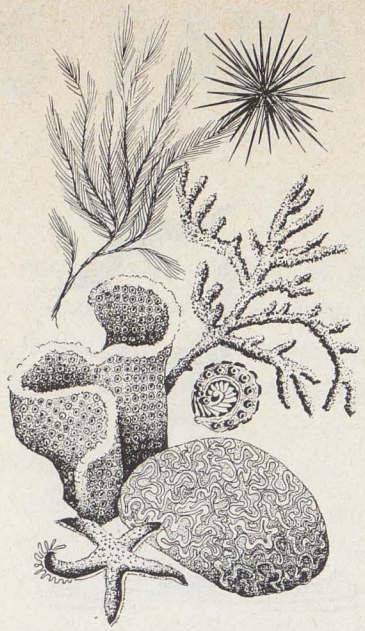
Pois bem, nas águas rasas ao redor das ilhas, estava acontecendo coisa igualmente fantástica. Nelas pululavam incontáveis e minúsculos pólipos marinhos, conhecidos como coral. Cada pólipo é como que um tubinho de matéria orgânica, com a abertura superior ou boca circundada de tentáculos que parecem pétalas de uma flor. No entanto, este animalzinho possui habilidades maravilhosas. Ele consegue retirar da água do mar um mineral (o carbonato de cálcio), passa-o através de suas paredes, produzindo, assim, pedra calcária.

Na formação das Ilhas Fiji, cada pólipo de coral construiu uma pequena concha de calcário em volta de si como abrigo. Quando morria, restava a carcaça vazia. Incontáveis pólipos viviam juntos em colônias das mais variadas formas, tipos e tamanhos. As colônias prendiam-se nas encostas dos vulcões e começaram a construir

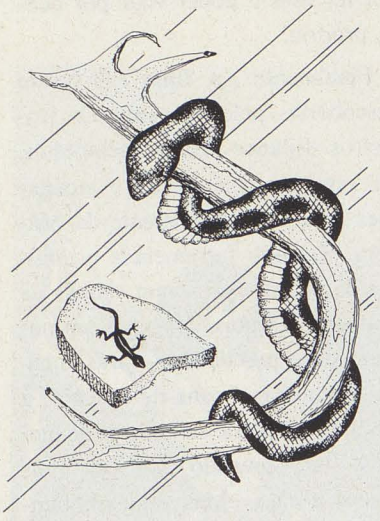
os recifes de coral, empilhando continuamente suas casinhas de calcário umas em cima das outras. Outras criaturas marinhas também ajudaram os corais. Estrelas do mar, caracóis e ouriços do mar foram acrescentando seus pequenos esqueletos aos recifes. Existe uma planta marinha, a alga coralina ou vermelha, que também produz calcário e ajudou na construção. Logo alguns recifes romperam a face do mar, formando uma espécie de ilha chamada de atol.

Depois, por longo tempo pouco mudou nas ilhas. O sol dardejava sobre elas, caíam chuvas pesadas, e ondas furiosas as assaltavam por todos os lados, além dos ventos raivosos que sopravam. Pouco a pouco, sol, chuva, mar e vento foram fragmentando a superfície dura das rochas, formando areia e uma fina camada de solo estéril.

Eventualmente, no decorrer do tempo, fortes ventos soprando das bandas da Ásia e Península Malaia trouxeram em suas "asas" certos "passageiros". Eram bactérias, umas particulazinhas indefesas levadas a esmo para onde o vento soprasse. Essas bactérias "aterraram" nas ilhas, começando a produzir um solo mais fértil. Os primeiros seres vivos a verem as novas ilhas surgidas do mar, foram, provavelmente, algumas barulhentas e abelhudas aves marinhas. Andorinhas-do-mar, gaivotas, procelárias e alcatrazes vieram descendo em círculos para uma olhadela mais de perto. Não encontraram nada para comer no solo estéril, porém deixaram lá, com as dejeções, sementes engolidas em outros lugares e que, caindo no solo, brotaram para produzir alimentação no futuro.



Muitas pequenas criaturas marinhas ajudaram a formar as ilhas menores de Fiji e os recifes que cercam as ilhas vulcânicas. A partir do alto: ourico do mar, corais em forma de plumas, galhos e galhada de alce, caracol, coral em forma de miolos, estrela do mar.



Lagartos e cobras chegaram a Fiji flutuando em cima de pedaços de troncos ou galhos. Ali existe a enorme jibóia e pequenas cobras-cegas.

Outros vestígios de vida — esporos do tamanho de um grão de poeira e sementes com "páraquedas", parecidas com as do dente-de-leão, vieram com o vento originário da América do Sul. E dali surgiram pequenas plantas como capins, juncos e samambaias.

O mar também estava a trabalhar, jogando nas praias constantemente vegetação de outras paragens. Um coco, por exemplo, é capaz de flutuar centenas de quilômetros sobre as ondas, enraizar-se numa praia, brotar e dar um gracioso coqueiro. A fruta-pão,

que se parece uma bala de canhão, provavelmente também chegou trazida pelo mar, assim como o pândano ou bancalé, uma árvore com raízes parecidas com estacas.

Além disso, o vistoso verde das plantas e árvores foi sendo acentuado por todas as cores do arco-íris, quando começaram a desabrochar as flores tropicais, como o jasmim-vapor, oleandro, hibisco e orquídeas. As ilhas estavam prontas para receber todas as criaturas, grandes e pequenas.

Então chegaram os insetos. Aranhas, borboletas, mosquitos e moscas trazidas pelo vento; encontrando alimentação, param, criando mais insetos. Vieram os répteis. Lagartos de cauda azul apareceram de carona em pedaços de cascas de coco. Velhas tartarugas marinhas chegaram às praias nadando. Uma grande cobra conseguiu fazer uma longa viagem por mar, confortavelmente enrolada num tronco seco. Na verdade, uma porção delas, pois em Fiji existem mais cobras do que em qualquer outra ilha do Pacífico. Os recifes foram-se povoando de pequenos peixes tão coloridos como flores. Grandes cardumes de baleias decidiram



As aves marinhas foram provavelmente os primeiros descobridores das ilhas. Uma andorinha-do-mar e um alcatraz dando uma olhadela.

viver nas águas costeiras. Contudo, o único outro mamífero que conseguiu chegar lá foi o morcego, por ter asas e poder voar por conta própria.

Finalmente as Ilhas Fiji foram descobertas pelo homem. Os primeiros fijianos eram melanésios, um povo de pele escura e inclinações artísticas, proveniente da Malásia. Usando ferramentas primitivas de pedra, escavavam canoas de troncos. Depois, carregavam-nas com coisas preciosas — carás, inhame, bananas, cana-de-açúcar, e saíam mar afora em busca de um novo lar, levando consigo seus porcos e cães. Mas seguiam também alguns passageiros clandestinos, como camundongos e ratos.

Quando os primeiros europeus chegaram a Fiji, há cerca de duzentos anos, encontraram uma terra colorida e linda como um jardim. Altas montanhas cobertas de densa floresta quase até seus picos; rios cauladosos, quedas d'água faiscantes, lagoas de um profundo azul, fontes quentes e até mesmo jazidas de ouro.

E assim foi chegando mais e mais gente às fabulosas Fiji, da Índia, China e outras ilhas do Pacífico, trazendo igualmente suas plantas e animais preferidos — o mangusto e o pássaro **mynah,** melões e couves. Os havaianos introduziram um sapo gigante e os europeus trouxeram ferramentas. Todos eles ajudaram a fazer de Fiji uma terra moderna, boa para se viver.

Hoje Fiji é chamada às vezes de terra onde o dia começa, por estar situada sobre a linha internacional de mudança de datas. Outros preferem chamá-la de "ilhas da alvorada", por causa de seu maravilhoso nascer do sol.

Quem tiver a felicidade de ir até Fiji, encontrará ali um povo caloroso e alegre. Pois os fijianos têm ainda outro nome para seu país — as ilhas da felicidade.

AMIGOS PARA SEMPRE

Depois de Davi ter matado Golias, o Rei Saul sentiu-se tão impressionado pela habilidade e coragem do jovem, que o acolheu em sua própria família. Foi ali que Davi se tornou o melhor amigo de Jônatas, filho mais velho de Saul. A admiração mútua logo se transformou numa tão grande amizade, que, diz a Bíblia, "a alma de Jônatas se ligou com a alma de Davi; e Jônatas o amou como à sua própria alma." E os dois fizeram uma aliança de amizade eterna.

Jônatas levava esse seu compromisso tão a sério, que "se despojou da capa que trazia sobre si, e a deu a Davi, como também os seus vestidos, até a sua espada, e o seu arco, e o seu cinto."

Fosse qual fosse a tarefa que o rei lhe dava, Davi se desincumbia com perfeição. E quando foi nomeado comandante de uma legião de soldados para combater os filisteus, Davi saiu vitorioso. Os israelitas viam nele um grande líder, e quando voltou da guerra, houve canto, danças e muita celebração. As mulheres que tocavam e cantavam, regozijavam-se, dizendo: "Saul feriu os seus milhares, porém Davi os seus dez milhares."

Esses elogios a Davi deixaram Saul furioso, fazendo brotar em seu coração as sementes de inveja e suspeita. No dia seguinte, conforme havia feito muitas vezes, Davi estava tocando harpa diante de Saul para acalmar-lhe os nervos. A música, porém, não conseguiu abrandar o espírito do rei. Pelo contrário, seu coração foi tomado por um espírito mau e ele atirou a lança que segurava contra Davi, tentando matá-lo não uma, mas duas vezes. Entretanto, a lança mortífera não atingiu Davi, que conseguiu esquivar-se.

Então o Rei Saul o fez chefe de mil soldados, esperando que fosse morto no campo de batalha. Mas "Davi se conduzia com prudência em todos os seus caminhos, e o Senhor era com ele... então Saul... [teve] receio dele. Porém todo o Israel e Judá amavam a Davi."

Vendo que não conseguia livrar-se de Davi conforme planejara, Saul ordenou a todos os seus servos e também a Jônatas que matassem Davi. Mas Jônatas tinha um pacto de amizade com Davi, por isso mandou que este se escondesse. Depois procurou convencer o pai, dizendo: "Não peque o rei contra seu servo Davi, porque ele não pecou contra ti, e porque seus feitos te são mui bons."

Jônatas lembrou ao pai quão valente Davi se mostrara nos combates e como havia salvado Israel dos filisteus. E concluiu, dizendo: "Tu mesmo o viste e te alegraste;







por que, pois, pecarias contra o sangue inocente, matando a Davi sem causa?"

O coração de Saul se enterneceu com essas palavras e ele prometeu que o amigo de seu filho seria poupado. Jônatas, muito contente, trouxe Davi à presença de Saul. Mas, quando houve novas lutas, e Davi com suas tropas saiu vitorioso, o rei voltou a enfurecer-se, vendo que o Senhor favorecia a Davi. E quando Davi inocentemente cantava e tocava para Saul, este foi novamente tomado por um espírito mau e tentou assassinar Davi com sua lança. Mas errou o alvo e ela se encravou na parede.

Davi fugiu naquela mesma noite; Saul, em sua ira, mandou persegui-lo por mensageiros que tinham ordem de matá-lo. Davi sentiu-se amedrontado e pasmo com as atitudes imprevisíveis de Saul. Encontrando-se secretamente com Jônatas, seu amigo, disse: "Que fiz eu? Qual é o meu crime? E qual é o meu pecado diante de teu pai, que procura tirar-me a vida?"

Foi difícil para Jônatas acreditar que o pai quebraria sua promessa de poupar a vida de Davi. Mas quando Saul, em sua fúria, tentou matar até mesmo Jônatas, este avisou Davi por meio do sinal combinado — atirando três flechas — que a vida dele corria perigo.

Vendo que, por causa da segurança de Davi, eles deviam separar-se, os dois amigos se beijaram como irmãos e choraram amargamente: "E disse Jônatas a Davi: Vai-te em paz: o que nós temos jurado ambos em nome do Senhor, dizendo: O Senhor seja entre mim e ti, e entre a minha semente e a tua semente, seja perpetuamente. E então se levantou Davi, e se foi; e Jônatas entrou na cidade." (1 Samuel 18-20)

A ORAÇÃO E O PROFETA JOSEPH SMITH

Truman G. Madsen

De um discurso proferido na série "Conheça Sua Religião", Califórnia, 1972-73

Muitos têm-me perguntado: "Como pôde ser que o Profeta Joseph Smith, aos quatorze anos, nunca antes tendo orado em voz alta (inferindo-se que **tenha** orado antes em silêncio), tenha ido ao bosque, e naquela primeira oração, recebido tão grandes e maravilhosas bênçãos? Isto quer dizer simplesmente que tinha muito maior fé e merecimento do que qualquer um de nós?"

Uma solução é que as visitações recebidas pelo Profeta Joseph Smith não foram uma resposta apenas à sua oração, como às preces de literalmente milhões de pessoas, talvez mesmo daqueles além do véu que, há gerações, vinham buscando e almejando a restauração do Evangelho — na verdade, em cumprimento de uma frase proferida por bilhões: "Venha o teu reino." (Mateus 6:10) Isto é um importante aspecto. Vocês e eu não oramos sozinhos. Oramos como parte de um amplo movimento moderno, e somos fortalecidos nesse processo. Se quisermos — ou até mesmo quisermos apenas o bastante para tentar querer — ser instrumentos, privilégios únicos se derramarão sobre nós, entre eles as autoridades, dons e bênçãos do Espírito, e as bênçãos supremas do Sacerdócio.

A vida de oração de Joseph Smith distinguiu-se pela intimidade. "Disse aos irmãos que era desse tipo

(continua na página 24)



VAMOS COM CALMA

Louise Barth/Ilustrado por Lynn Titleman

— Vá ligeiro, — recomendou a mãe de Toninho, quando este saiu para a escola.

— Vou tentar, — prometeu o garoto, acenando em despedida. Eram só dois quarteirões até a escola. Toninho nunca chegava tarde, mas sempre em cima da hora, quando já dava o último sinal. Se andasse depressa, não teria graça alguma.

Assim que se pôs a caminho, Toninho viu alguma coisa bem no alto da macieira lá da esquina. Parecia um papagaio alaranjado, mexendo-se sobre o galho, sempre que vinha uma lufada de vento.

— Acorde, sua "lesma", senão chegará atrassado, — gritou Carlota, ao passar por ele, com passos saltitantes e balançando a lancheira.

Chegando mais perto, Toninho viu que era apenas um pedaço de pandorga enroscado nos galhos da macieira.

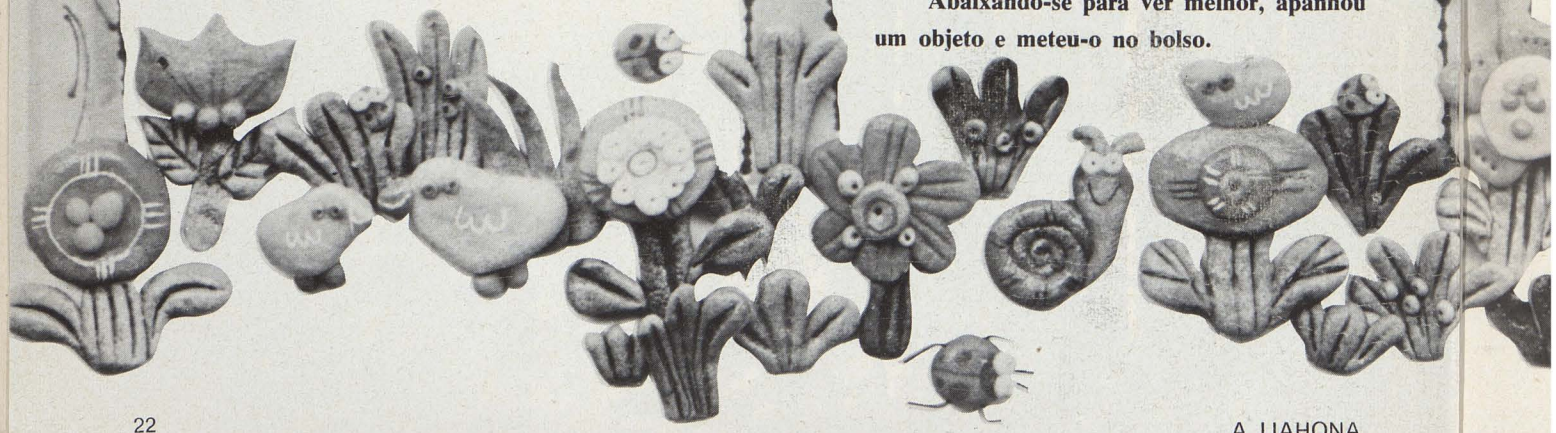
Retomando a caminhada, levantou os olhos e notou que uma grande nuvem branca parecia estar perseguindo outra pelo céu. Lembravam dois veleiros com suas brancas velas enfunadas pelo vento.

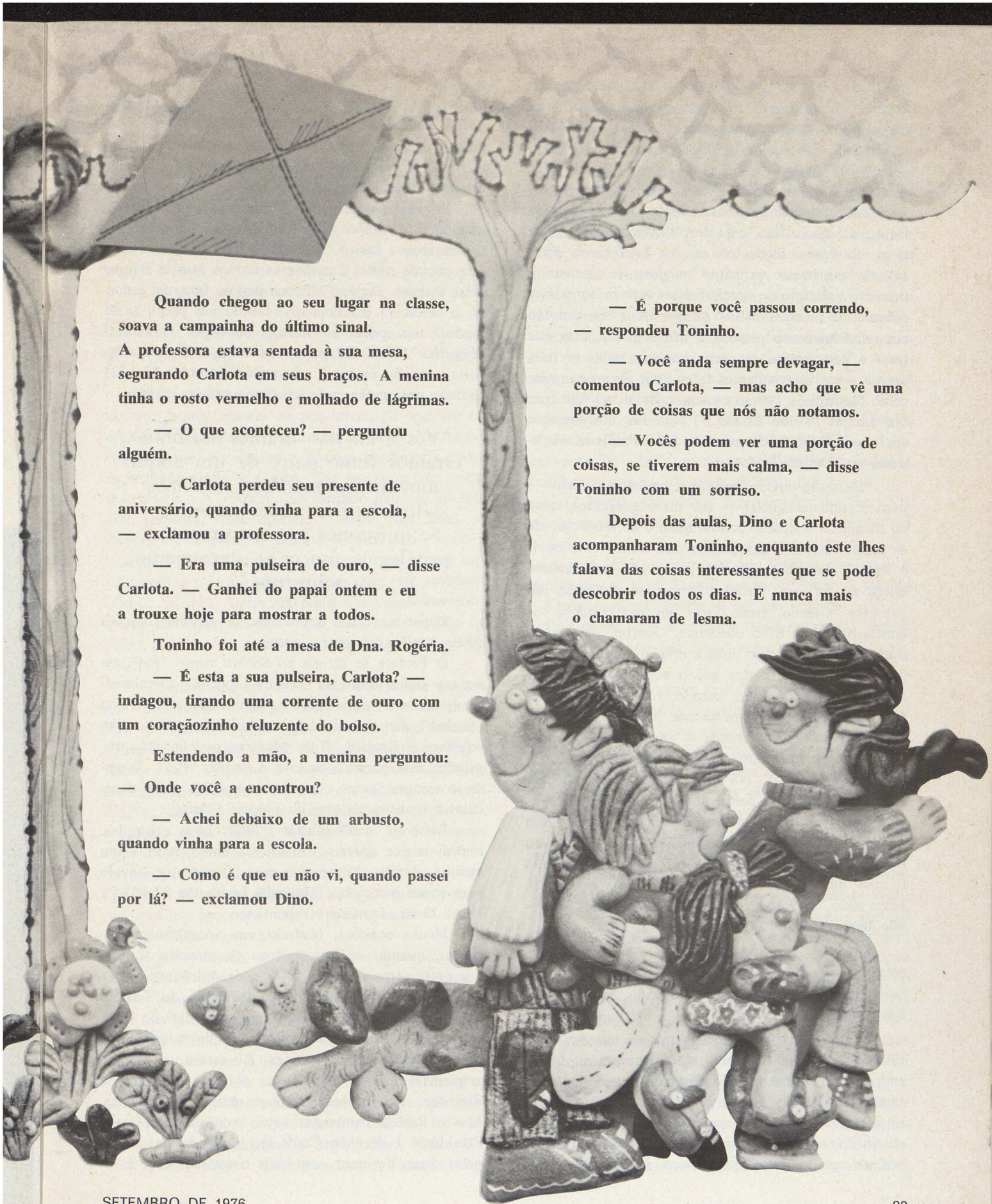
— Ande, vamos depressa, do contrário nunca chegará a tempo, — chamou Dino, passando às carreiras.

Toninho se aborrecia, porque todo mundo estava sempre querendo apressá-lo. Se tivessem um pouco mais de calma, eu poderia mostrar-lhes uma porção de coisas interessantes todos os dias. Meus colegas estão perdendo muita coisa correndo para a escola desse jeito, pensou Toninho.

Agora estava ficando tarde, e Toninho apressou o passo. Procurou não olhar para nada além da calçada à sua frente. Mas alguma coisa brilhante faiscou debaixo de um arbusto junto à calçada. Tinha um brilho amarelado, e ele imaginou que fosse o olho fixo de uma cobra observando-o.

Abaixando-se para ver melhor, apanhou um objeto e meteu-o no bolso.





Quando chegou ao seu lugar na classe, soava a campainha do último sinal. A professora estava sentada à sua mesa, segurando Carlota em seus braços. A menina tinha o rosto vermelho e molhado de lágrimas.

— O que aconteceu? — perguntou alguém.

— Carlota perdeu seu presente de aniversário, quando vinha para a escola, — exclamou a professora.

— Era uma pulseira de ouro, — disse Carlota. — Ganhei do papai ontem e eu a trouxe hoje para mostrar a todos.

Toninho foi até a mesa de Dna. Rogéria.

— É esta a sua pulseira, Carlota? — indagou, tirando uma corrente de ouro com um coraçãozinho reluzente do bolso.

Estendendo a mão, a menina perguntou:

— Onde você a encontrou?

— Achei debaixo de um arbusto, quando vinha para a escola.

— Como é que eu não vi, quando passei por lá? — exclamou Dino.

— É porque você passou correndo, — respondeu Toninho.

— Você anda sempre devagar, — comentou Carlota, — mas acho que vê uma porção de coisas que nós não notamos.

— Vocês podem ver uma porção de coisas, se tiverem mais calma, — disse Toninho com um sorriso.

Depois das aulas, Dino e Carlota acompanharam Toninho, enquanto este lhes falava das coisas interessantes que se pode descobrir todos os dias. E nunca mais o chamaram de lesma.

de fé que necessitavam — a fé que tem uma criança pequena dirigindo-se em humildade aos pais, para expor-lhes o desejo de seu coração." (**Life of Heber C. Kimball,** Salt Lake City: Stevens and Wallis, 1945, pp. 69-70) Muitos supõem que agrada a Deus falar-se dele e com ele como "distante", absolutamente diferente, absolutamente transcendente. Sua imagem de Deus, se é que a têm, é de um sublime, elevado princípio ou "puro intelecto" ou luz inalterável. Para Joseph, o primeiro princípio religioso (e também o primeiro princípio de oração) é ter certeza do caráter paternal de Deus — não só de que Deus tem conosco um relacionamento pessoal, e nós com ele, mas que Deus **é** uma **pessoa,** a mais elevada e mais perfeita pessoa — e que podemos falar com ele exatamente como fez Moisés, "como qualquer [homem] fala com seu amigo." (Vide Êxodo 33:11) Eis um exemplo em que o Profeta demonstrou tal intimidade, registrado por Daniel Taylor:

"Eu tinha ouvido homens e mulheres orando — particularmente aqueles — dos mais ignorantes, tanto no tocante à instrução formal quanto ao intelecto, até os mais eruditos e eloqüentes, mas nunca [até ouvir o Profeta Joseph Smith orar] escutara um homem dirigir-se ao seu Criador como se estivesse ali presente ouvindo, como faria um pai bondoso, os lamentos de um filho obediente. Joseph, nessa ocasião, não era instruído, mas a oração que fez, grande parte dela em favor dos que o acusavam de se ter desviado e incorrido em pecado, rogando que o Senhor os perdoasse e lhes abrisse os olhos, para que pudessem enxergar a verdade — aquela oração, repito, para minha mente humilde, tinha algo da erudição e eloqüência dos céus. Não havia nenhuma ostentação, nada de voz alterada pelo entusiasmo, apenas um simples tom de conversa, como um homem falaria a seu amigo presente. Tive a impressão de que, se o véu fosse afastado, eu poderia ver o Senhor encarando o mais humilde de todos os seus servos que eu já havia visto." ("Recollections of Daniel Taylor" **Juvenile Instructor** 27:127)

Vejamos agora algumas questões elementares com respeito às orações do Profeta, para verificar como suas experiências poderão coincidir, mas também intensificar nossa própria.

Suas orações teriam sido curtas ou longas? Mary Elizabeth Rollins Lightner, uma conversa à Igreja então com quatorze anos de idade, descreve como, chegando com a mãe à casa do Profeta, ouviu um glorioso sermão durante o qual sua face resplandecia e ele testificou de sua proximidade com Cristo. Depois, pedindo que todos se ajoelhassem, Joseph orou: Ela recorda: "Desde aí, nunca escutei nada igual Senti que ele falava com o Senhor, e o poder repousava sobre todos nós. A prece foi tão longa, que algumas pessoas se levantaram para descansar, depois, ajoelharam-se novamente." (**Diary of Elizabeth R. Lightner,** BYU Special Collections, p. 3)

Por outro lado, um dia, em sua casa em Kirtland, quando havia muito pouca comida sobre a mesa, ele se levantou e falou: "Ó Senhor, agradecemos-te por este pão de milho e pedimos que nos mande alguma coisa melhor. Amém." Pouco depois, bateram à porta, e lá estava um homem trazendo um pernil defumado e um pouco de farinha de trigo. O Profeta rejubilou: "Veja, Emma, eu sabia que o Senhor atenderia a minha oração." (**Juvenile Instructor** 17:172) Essa foi uma prece curta, não uma missiva extensa.

"Vós e eu não oramos sozinhos. Oramos como parte de um amplo movimento moderno, e somos fortalecidos nesse processo. Se quisermos ser instrumentos, privilégios únicos se darramarão sobre nós."

Dependendo das circunstâncias, algumas orações devem ser longas, outras curtas.

O Profeta se dirigia ao Senhor como "Pai", ou ousava algum título ou maneira especial? Geralmente ele orava a "nosso Pai" ou simplesmente "Pai" ou "Senhor", não se inclinando a adornar esse título com adjetivos e floreios. Tais adjetivos podem ser apropriados, mas para ele bastava o simples "Pai". E nisto, como em tantas coisas, suas orações eram parecidas à maneira de orar do próprio Cristo.

Disse ele, certa ocasião: "Sede claros e simples, e pedi o que quereis, exatamente como, indo a um vizinho, diríeis: "Peço que me empreste um cavalo para ir até o moinho." (**Juvenile Instructor** 27:151-2) Isto é direto, familiar e espontâneo.

Houve ocasiões, contudo, em circunstâncias sagradas, quando o Profeta orou de maneira formal, e a prece tornou-se uma espécie de ordenança. Uma dessas preces foi proferida na dedicação do Templo de Kirtland, a qual, registrada na seção 109 de Doutrina & Convênios, se tornou modelo de todas as orações dedicatórias subseqüentes. Ali estava um homem a quem o Senhor inspirava as palavras que deveria dizer-lhe. Isto pareceu a alguns uma coisa tortuosa. Mas o Profeta demonstra aqui, (conforme explica o Presidente J. Reuben Clark Jr.) que uma das coisas pelas quais devemos orar mais constantemente é sa-

bermos pelo que devemos orar mais constantemente. (Vide **Conference Report,** outubro de 1960, p. 90)

Verdadeiramente, a metade do processo é colocar nossa alma em condição receptiva, de modo que nos tornemos bons ouvintes e aprendamos a como, quando e pelo que orar. Existe uma promessa moderna de que, aos que receberem o Evangelho, são "dadas todas as coisas." O Senhor diz: "[Sois] possuidor[es] de todas as coisas." E este "todas as coisas" é definido como a "vida e a luz, o Espírito e o poder, enviado pela vontade do Pai, por meio de Jesus Cristo, seu Filho." E mais adiante: "... em nome de Jesus Cristo pedireis ao Pai, **seja o que for que quiserdes, e será feito."** (Vide D&C 50:27-30; grifo nosso)

Mas, será que o Profeta às vezes orava por coisas que jamais recebia ou por orientação que lhe foi negada? Sim. Assim como nós, às vezes ele rogava em vão. Ele, por exemplo, ansiava conhecer a época da segunda vinda de Cristo. Diz que orou com muita sinceridade. A resposta do Senhor não foi de fato uma resposta; disse apenas: "Joseph, meu filho, se viveres até a idade de oitenta e cinco anos, verás a face do Filho do Homem; portanto, que isto te seja suficiente, e não me molestes mais com esse assunto." (D&C 130:15) Assim ele registra a única conclusão a que conseguiu chegar: "Eu creio que a vinda do Filho do Homem não será antes de então." (D&C 130:17)

O Senhor aparentemente não queria que ele (ou nós) conhecesse o tempo exato. Quer que continuemos vivendo como se sua gloriosa vinda fosse amanhã. Falando em sentido espiritual, quão preparados deveríamos estar! Por isso, ele repete seguidamente: "Certamente cedo venho." (Vide, por exemplo, Apoc. 22:20) Mas quer também que "plantemos cerejeiras", conforme dizia Wilford Woodruff — que vivamos segundo um ponto de vista de longo alcance e não da maneira artificialmente alarmista dos que dizem: "Já que o mundo vai mesmo pelos ares em cinco anos, por que me preocupar em ir para a escola?" Isto é ser superficial e escapista.

Noutra ocasião, o Profeta orava querendo saber por que seu povo tinha de sofrer tanto no Missouri. Existe uma carta plangente em que ele se lamenta: "Ele não me responde. Ele não me quer responder." E houve ocasiões anteriores, nas quais implorou ao Senhor o que este já lhe dissera que não daria.

Lembrai-vos do exemplo de Martin Harris. Por três vezes, o Profeta pediu permissão para entregar-lhe o manuscrito. Por três vezes, a resposta foi não. O Profeta chegou mesmo a argumentar: "Mas, Senhor, não entendes? Ele hipotecou sua fazenda. Sua mulher o está pressionando, Senhor. Que mal pode fazer?" Finalmente, obteve a permissão. A Mãe Smith relata como mais tarde Martin voltou à casa deles e ficou andando de lá para cá, receando entrar. O Profeta, vendo-o pela janela e suspeitando o pior, sai correndo: "Martin, você não perdeu...?" Martin faz que sim. O Profeta mostrou-se inconsolável durante duas semanas; ninguém da família conseguia mitigar sua dor, porque ele se sentia absolutamente condenado. A alegria e alívio que sentiu quando veio a revelação: "Arrepende-te do que fizeste... e... és chamado à obra outra vez" (D&C 3:10), foi indescritível! Diz ele num relato da revelação daquele dia: "aqueles mandamentos me inspiraram." A seguir, escreveu o que reputo ser um sumário de sua experiência: "Tomei por regra isto — quando o Senhor ordena, obedeça." (**The History of The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints,** 2:270). Bem, ele aprendeu a lição, mas aprendeu como nós fazemos freqüentemente — da maneira mais dura.

O Profeta costumava fazer oração familiar? Eis o que conta um irmão que nunca havia encontrado o Profeta ou familiares deste, de uma sua visita. Estava para bater à porta, quando hesitou por ouvi-los cantando. A Irmã Emma estava dirigindo a família e hóspedes numa espécie de serviço religioso. Depois o Profeta orou, e o visitante ficou escutando imóvel ao que chamou de "um antegosto da felicidade celestial".

Os registros dizem que Joseph orava três vezes ao dia com a família — pela manhã, ao meio-dia e à noite. Lindo! Certa vez disse, citando o livro de Daniel, que deveríamos "familiarizar-nos com os homens que... oram três vezes ao dia voltados para a Casa do Senhor." (**History of the Church,** 3:391) Era o que Daniel fazia.

Qual o significado de voltar-se para o templo? Aparentemente é uma forma sagrada de recordar tanto as promessas do Senhor feitas a nós como nossas promessas para com ele. Por isso, quando dedicou o Templo de Salt Lake, o Presidente Wilford Woodruff ofereceu uma prece específica, para que, quando as pessoas fossem assaltadas por tentação ou problemas, pudessem lembrar-se das promessas do templo, voltar-se para o templo e o Senhor atenderia suas orações.

Joseph orou no sofrimento e perseguição, mas orou também em profundo agradecimento. E eis aqui uma compreensão tocante. Ele ensinou aos santos que deviam praticar a virtude e santidade e "render graças a Deus [em Espírito] por todas as bênçãos com que [eram] abençoados." (D&C 46:32) Quantas vezes fazemos uma oração inteira simplesmente

para dar graças e louvor? Ele ensinava aos santos que, se aprendessem a ser gratos em todas as coisas, eles seriam "feito[s] glorioso[s]" (D&C 78:19) Joseph demonstra uma inata e notável capacidade de sentir gratidão até mesmo pelo menor dos favores recebido do Senhor ou de seus semelhantes. Chorei ao ler no seu diário orações em favor de irmãos seus: "Abençoa o Irmão Fulano, Pai, cujas mãos estão cheias de bolhas por me levar, remando, para o outro lado do rio." Até mesmo o menor favor provocava comovedora simpatia e gratidão.

Em Doutrina & Convênios, há oito lugares distintos nos quais o Senhor, através do Profeta, usa a expressão "orar sempre." Como poderíamos? Se "orar sempre" significa verbalmente, ninguém de nós seria capaz; porém, se inclui o tipo de prece inarticulada vinda do coração, já estaremos mais perto. E se quer dizer ainda mais, que devemos estar em espírito de oração independentemente do que estivermos fazendo — isto é, vivendo piedosamente — então todos nós somos capazes de fazê-lo. Nesse sentido, o diário escrito por Joseph Smith durante uma viagem missionária é uma prece contínua: "Ó Senhor, confirma nosso testemunho a seus corações." Ó Senhor, conforta minha família." As derradeiras palavras de sua vida foram uma oração — e a culminância de todas as demais — "Ó Senhor, meu Deus."

"Chorei ao ler no seu diário: 'Abençoa o Irmão Fulano, Pai, cujas mãos estão cheias de bolhas por me levar, remando, para o outro lado do rio."

Mas, até que ponto importam as palavras? Comentando um versículo do Novo Testamento, o Profeta alterou um pronunciamento decisivo a respeito. Está em Romanos. Paulo, falando de como o Espírito nos pode auxiliar na oração, diz: "O mesmo Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis." (Rom. 8:26) A versão do Profeta: "O mesmo Espírito intercede por nós com afã **inexprimível."** (**Ensinamentos do Profeta Joseph Smith,** p. 271; grifo nosso) Quando temos confiança bastante no poder discernidor do Espírito, deixamos de nos preocupar tanto com a forma e estamos mais interessados em trazer à tona o que está realmente lá nas profundezas do nosso eu, coisas para as quais nem sequer conseguimos encontrar palavras ou meios de expressão. É nisso que o Espírito traduz e transmite nossos afãs. Afã não é o mesmo que gemidos. Quando gememos em desânimo e desalento, isto só tenderá a piorar nossa depressão. Afãs, porém, elevam. Mesmo que não consigamos exprimir nossos afãs podemos dirigi-los silenciosamente e devotamente ao Pai e ao Filho, sabendo que o Espírito os traduzirá com perfeição!

O Espírito, por sua vez, consegue comunicar a resposta do Senhor como nenhum outro poder é capaz. Confiar no Espírito neste aspecto proporciona grande confiança e liberdade.

A oração vocal ajuda nossa mente a seguir a seqüência verbal. Mas, às vezes, também há vantagens na prece silenciosa e até mesmo numa espécie de deliberado devaneio mental. Deixai vossos pensamentos e coração seguirem os rumos a que se sentem impelidos.

Como aprendemos a nos concentrar no sentido espiritual? Das instruções do Profeta aos quoruns do Sacerdócio, emerge um notável modelo quanto a este e outros elementos da oração poderosa. Eis suas palavras exatas: "Trabalhei com cada um desses quoruns [sumos-sacerdotes, setentas, élderes, bispos, os Doze] por algum tempo, a fim de trazê-los à ordem que Deus me havia mostrado, a qual é como segue." **(History of the Church,** 2:39) Foi um tipo de trabalho especial de quorum no Templo de Kirtland. "A primeira parte devia transcorrer em prece solene diante de Deus, sem nenhum falatório ou confusão." Aparentemente isso queria dizer oração solene, silenciosa — talvez sussurrada; contudo, sem ninguém falar audivelmente e nenhuma voz predominante. "E conclui-se com uma oração de encerramento pelo Presidente Rigdon." Em outras palavras, um indivíduo oraria então vocalmente com e pelo grupo inteiro. A seguir, "todos os quoruns deviam irromper num brado uníssono de hosana a Deus e ao Cordeiro com um Amém, Amém e Amém." O "brado de hosana" geralmente associado às dedicações de templos tinha, pois, ainda esta outra sagrada função pessoal. Por três vezes, deviam dizer "Hosana!" e três vezes "Amém." "Então todos tomam seus lugares e elevam seus corações em oração silenciosa a Deus, e se qualquer obtiver uma profecia ou visão, que se levante e fale para que todos possam ser edificados e regozijar-se juntos."

É um conjunto de instruções esclarecedoras. Seu espírito, evidentemente, aplica-se até mesmo às nossas próprias orações particulares ou secretas. Notai que primeiro vem concentração — não confusão, mas silêncio. Depois, uma oração vocal resumindo e encerrando. A seguir, um comovente clamor de gratidão e necessidade, uma manifestação de reverência. E, finalmente, servir o Senhor, abrindo-lhe nosso co-

"A maior tragédia da vida é que, tendo pago o terrível preço de sofrimento para vir ajudar-nos, ele se vê impedido de fazê-lo, porque não lho permitimos."

ração, sentindo e externando, ou, na vida privada, sabendo o que vem pelo Espírito.

O que aconteceu, quando esse conselho foi posto em prática? Eis um exemplo. Diz o Profeta em seu diário:

"O Quorum dos Setenta gozou de um grande derramamento do Santo Espírito. Muitos se levantaram e falaram, testificando que estavam cheios com o Espírito Santo, o qual era como fogo em seus ossos, a ponto de não conseguirem ficar calados, mas eram impelidos a clamar hosana a Deus." (**History of the Church,** 2:392)

E a respeito de si mesmo:

"Depois de dispensar esses quoruns, voltei para casa cheio com o Espírito, e minha alma bradava hosana a Deus e ao Cordeiro durante as silenciosas vigílias da noite; e enquanto meus olhos estavam cerrados pelo sono, eram-me doces as visões do Senhor e eu me encontrava envolvido por sua glória." (**History of the Church,** 2:387)

Disso pode-se aprender muita coisa.

Mas, e quando nos sentimos indignos? O próprio Profeta escreveu numa carta a Emma: "Volto a lembrar-me de todos os momentos passados de minha vida e fico a lamentar e derramar lágrimas de tristeza por meus desatinos." Todos os profetas, se estudados de perto, conheceram tais noites sombrias, essa mesma luta, como também outros grandes homens e mulheres de nossa tradição. Néfi, só para citar um deles, fala com tanta clareza sobre fé em seus primeiros livros, que se fica a imaginar se jamais temeu ou fraquejou. Em seu salmo, porém, ele clama com efeito: "Estou triste. Quando desejo alegrar-me, meu coração geme por causa de meus pecados." (Vide 2 Néfi 4:17-19) E depois, ora com grande fervor: "Ó Senhor, rodeia-me; ajuda-me." (Vide 2 Néfi 4:33) Nenhum de nós escapa a tais altos e baixos. Mas, se esperássemos até que todos sejamos perfeitos, faríamos algum trabalho na Igreja?

Como sabeis, o Profeta contemplou numa visão panorâmica pelo menos nove dos Doze Apóstolos num país estranho. (Ele não diz Inglaterra, mas foi para lá que seguiram eventualmente.) Viu-os reunidos em círculo, descalços, maltratados, andrajosos, desalentados. Em pé, acima deles, no ar, estava o Senhor Jesus Cristo. E foi dado saber ao Profeta que ele, Cristo, ansiava por mostrar-se a eles, por estender [sua mão] e erguê-los. Mas eles não o viram. O Salvador ficou olhando para eles e chorou. Sabemos por dois dos irmãos que ouviram Joseph narrar essa visão, que nunca conseguia falar do assunto sem chorar. Por quê? Por que se sentiria tão tocado? Porque Cristo veio à terra voluntariamente, a fim de que todos os filhos do Pai pudessem achegar-se a ele sem receio, sabendo que ele sabe o que vai dentro de nós quando pecamos, que ele conhece todos os nossos sentimentos e cuidados. A maior tragédia da vida é que, tendo pago o terrível preço de sofrimento "segundo a carne para que suas entranhas pudessem ser cheias de compaixão" (vide Alma 7:13, Mosiah 15:9) e estivesse preparado para vir ajudar-nos, ele se vê impedido de fazê-lo, porque não lho permitimos. Olhamos para baixo, em vez de para cima.

Talvez haja em nossa vida coisas que nos tornem mais ou menos indignos de certos privilégios. Porém, jamais somos indignos de uma coisa — da oração. Acrescento meu testemunho sobre isto. O Profeta Joseph Smith não só o ensinou, mas exemplificou. Seja qual for nossa condição de alma, nós devemos buscar o Senhor. Ele nunca nos fecha a porta; suplica que apelemos para ele, quando mais precisarmos dele. E muitas vezes isto acontece, quando nos sentimos mais indignos.

Concluo, prestando testemunho de que temos no profeta moderno, Joseph Smith, um exemplo de oração ativa, vibrante — da prece que toca o íntimo, da prece que muda vidas. Mas além disso, o Profeta ilustra para sempre que a oração é mais do que algo apenas subjetivo. Não é mera auto-hipnose. É um plano e padrão pelo qual conseguimos, de fato, romper o véu e receber a mão viva do Deus vivente, através de Cristo. Presto este testemunho em nome de Jesus Cristo. Amém.



DIÁRIO MÓRMON

Por que Cathy não se parece mais comigo?

Jane P. Covey

Quando completei onze anos, meus pais presentearam-me com uma linda edição de um grande clássico. Li aquelas páginas carinhosamente, e ao voltar a última, chorei. Eu havia vivido o que lera. Guardei o livro com todo cuidado durante anos, esperando dá-lo a minha filha. Quando Cathy fez onze anos, fiz-lhe presente do livro. Muito contente com ele e mesmo comovida, ela corajosamente lutou por vencer os dois primeiros capítulos, depois colocou o livro na sua estante, onde ficou sem mais ser aberto. E eu senti-me profundamente desapontada.

Por alguma razão, sempre supusera que minha filha seria como eu — que gostaria de ler os mesmos livros que eu lera quando menina, que tivesse um temperamento semelhante ao meu, que gostasse do que eu gosto. Os anos foram passando e ganhei quatro filhas — todas elas totalmente diferentes de mim. Agora isso me alegra, mas não naquela época.

— Cathy é uma menina encantadora, esfusiante, sempre risonha, um pouco travessa, — dizia-me sua professora.

— Companheira formidável, — diziam as amigas.

— Adora viver, vê o lado humorístico em tudo, uma alma sensível, — dizia o pai.

— É duro para mim, — disse eu, certo dia, ao meu marido. — Não agüento essa sua 'fome' de atividade, seu insaciável desejo de "brincar", seu riso e humor fáceis. Eu nunca fui assim em toda minha vida. Ler era o maior deleite dos meus anos de pré-adolescência.

A cabeça dizia-me que eu estava totalmente errada, mas bem lá no fundo do coração, estava desapontada. Ela era como que um enigma para mim, e isto me magoava.

Tais sentimentos ocultos são facilmente captados pela criança. Eu sabia que ela os perceberia e ficaria sentida, se já não estivesse. Minha alma se angustiava por mostrar-me tão injusta. Sabia que meu desapontamento era insensato; contudo, por mais que quisesse àquela criança, eu não conseguia mudar.

Noite após noite, semana após semana, quando todos já dormiam e a casa estava escura e silenciosa, eu ficava só implorando ao Pai nos céus que me desse entendimento. Inclinava minha cabeça perante aquele que a conhecera e amava por toda a eternidade, suplicando ajuda.

Então certa manhã, muito cedo, enquanto deitada na cama, aconteceu algo. Mais tarde, tentando revivê-lo, pensei que talvez eu estivera sonhando, sabendo contudo que não fora sonho. Eu estava acordada. Rapidamente, passando-me pela mente como relâmpago, vi uma imagem minha e de Cathy como éramos no mundo espiritual, antes de virmos para esta terra — duas mulheres adultas, maduras, de braços dados, sorrindo uma para a outra, num relacionamento mais parecido ao de irmãs. Pensei em minha irmã, e em como éramos diferentes. Ainda assim, jamais desejei que fosse como eu. Vi Cathy e eu, como havemos de ser quando deixarmos esta vida, mãe e filha, boas amigas, entendendo-nos alegremente.

Então me vieram à mente, com violência, as palavras: "Como ousas querer impor-lhe a tua personalidade? Regozija-te por serem diferentes!" Embora durasse apenas segundos, esse lampejo, esse despertar modificou meu coração, quando nada mais conseguia.

Mais uma vez se renovava minha imensa gratidão. Aquilo pelo que eu lutara e não conseguira realizar — mudar meu coração — ele havia feito por mim.



Induzido a jejuar

Frank Aydelotte

Eu acabara de falar num serão, certa noite de domingo, e estava indo para casa, quando me senti induzido a jejuar. Desconhecendo qualquer razão para fazê-lo, abandonei a idéia. Todavia, na manhã seguinte, acordei inusitadamente cedo, sentindo-me de novo induzido a iniciar um jejum. O sentimento era tão forte, que não havia como ignorá-lo, por isso obedeci.

Durante o dia, no escritório, a voz suave e mansa advertiu-me sussurrando que no dia seguinte eu seria despedido, mas que não deveria reagir com raiva ou pânico, permanecendo calmo, porque as coisas acabariam revertendo em vantagem para mim. A voz ficou repetindo a mensagem o dia todo. Eu sabia que estava sendo preparado para uma crise.

Senti-me confuso. Sabia que estava recebendo revelação, porém mal podia acreditar no que dizia. As pessoas freqüentemente comentavam minhas qualificações para meu cargo e a óbvia segurança de minha posição. Eu adorava meu trabalho como bibliotecário; apreciava livros e manuscritos raros, não gostando nada da idéia de perdê-lo; porém, não havia como negar a voz do Espírito.

Na manhã seguinte, eu não havia trabalhado ainda uma hora, quando o diretor me chamou ao seu gabinete. Comunicou-me sua intenção de substituir-me, dando o aviso prévio de duas semanas. Era óbvio que esperara uma cena da minha parte, porém o Senhor havia-me preparado.

Como eu era funcionário público e não podia ser demitido sumariamente, fui transferido para um cargo em outro departamento, para o qual não havia função alguma. Meus superiores esperavam que eu pedisse demissão, para não suportar o embaraço de ficar sem fazer nada. Entretanto, obedecendo às instruções divinas, procurei ser útil e fazer alguma coisa, ainda que o trabalho do menor dos funcionários de nossa repartição tivesse mais propósito que o meu.

Tentei arranjar outra colocação, mas parecia não haver nenhuma possibilidade no meu campo. O desânimo transformou-se em desespero. "Será que algum dia conseguirei um emprego melhor?", indagava eu diariamente em oração.

Encontrei consolo lendo o apelo do Profeta Joseph, enquanto estava na cadeia de Liberty, e que se encontra na seção 121 de Doutrina & Convênios. Eu estava sendo ensinado a confiar na orientação do Espírito Santo e, através dele, encorajado a ser paciente.

Um dia, em abril, senti-me inspirado a visitar um indivíduo de considerável influência na universidade local. Fui recebido cordialmente, e quando soube que eu estava procurando emprego, mostrou-se interessado. Sugeriu que eu ficasse no meu emprego até vagar o cargo que tinha em mente para mim. Minhas esperanças subiram.

Esperava ter notícias dele sem muita demora, porém minha provação de fé ainda não terminara. Passaram-se cinco meses sem notícia alguma. Muitas vezes, durante o trabalho, eu procurava consolo orando entre as estantes de livros da biblioteca. Mas quando o bispado de nossa ala foi reorganizado e continuei como segundo conselheiro, senti certeza de que dias melhores viriam. Tempos depois, enquanto orava, a branda voz do Consolador sussurrou que tomasse alento, pois minhas tribulações estavam para terminar.

Em fins de agosto, tive uma entrevista de duas horas com meu amigo, porém nenhuma proposta de emprego. Dois dias depois, telefonou pedindo que fosse à casa dele. Antes de ir, eu orei expressando minha gratidão pelo que soubera e reconheci minhas bênçãos. Ergui-me, sabendo que o emprego seria meu. Chegando lá, ele passou a explicar-me os deveres de meu novo emprego.

Rememorando aqueles sete meses de provação e diretriz espiritual, sei que passei por um crisol de aflição que me fortaleceu espiritualmente e ensinou-me o valor de se viver achegado ao Senhor.

Falamos Sussurrando

Myrna T. Behunin

Aconteceu cerca de uma semana após termos acolhido Wayne, de dez anos, em nosso lar, através do Programa de Colocação de Estudantes Índios. Era um garoto esperto, simpático, mas, é claro, tinha que conquistar seu lugar entre os outros meninos. Ele tinha brigas mais ou menos freqüentes e não ficava devendo nada ao melhor deles.

Um dia, recebi um telefonema do professor, informando-me de que estava tendo dificuldades com Wayne na escola. O menino estava desrespeitando a ele e outros professores. Isto foi um golpe para mim. Jamais tivera problema desses com meus próprios filhos e fiquei muito aborrecida. Perdendo a calma, como acontece tantas vezes, fiquei imaginando tudo o que Wayne iria ouvir, quando chegasse em casa da escola. "Tenho que cortar isto pela raiz", dizia para mim mesma.

Para piorar a situação, Wayne chegou em casa tarde, por causa de uma briga com um garoto das vizinhanças. Eles vieram brigando o caminho inteiro, desde o ponto do ônibus. Finalmente chegaram ao nosso jardim, ambos lutando duro. Fiquei observan-

do por um pouco, até certificar-me de que a briga era a sério; então cheguei à porta e chamei Wayne para dentro.

Ele me ignorou. Não queria dar parte de fraco diante do outro menino. Observando-os, fiquei ainda mais zangada. **Ordenei** a Wayne que fosse para dentro, mas percebendo que naquele estado não tinha condições de resolver o problema, mandei que fosse para seu quarto ler um livro.

Trêmula de raiva, fui para meu quarto, ajoelhei-me e orei. Orei, pedindo sabedoria para manejar o problema e também que o Espírito me inspirasse no que dizer. Ao levantar-me após a oração, fui tomada de um sentimento cálido, tranqüilo. Começou pela cabeça e foi fluindo mansamente até os pés.

Ao abrir a porta do quarto de Wayne e vê-lo ali sentado na beirada da cama com um livro nas mãos, um milhão de pensamentos dispararam por minha mente. Ele parecia tão deslocado ali naquele quarto; seu lugar era ao ar livre, onde pudesse correr à vontade, como estava acostumado. Num instante, meu coração enterneceu-se de simpatia por aquele garotinho solitário, apenas um menininho arrancado de seu meio ambiente e jogado num mundo totalmente contrário, para viver de acordo com regras desconhecidas. Ele tinha que provar aos outros meninos que era tão bom quanto eles, se não melhor.

Sentei-me ao lado dele na cama. As primeiras palavras que disse foram surpresa até para mim mesma:

— Wayne, desculpe por ter sido tão rabugenta com você.

Myrna T. Behuin, dona de casa e ex-professora, serve como conselheira na Primária da Estaca Sandy Utah-Oeste e como supervisora de professoras visitantes da Sociedade de Socorro da Ala XIII Sandy.

Depois, falei a respeito do telefonema do professor e dei oportunidade a que desse a sua versão. Tivemos uma conversa maravilhosa; ele me fez sua confidente e ao conversarmos, falamos sussurrando. Era totalmente diferente do tom que eu pretendera usar, antes de pedir ao Pai Celestial que me ajudasse. Foi realmente uma experiência espiritual e fez mais pelo relacionamento entre mim e Wayne do que poderia qualquer outra coisa.

Graças aos céus temos a oração e o dom do Espírito para nos guiar, desde que peçamos.

PRIORIDADES NA BUSCA DA EXCELÊNCIA

Janath R. Cannon

Queridas irmãs, todas nós desejamos atingir a excelência em nossa vida pessoal e igualmente no cumprimento de nossas responsabilidades na Igreja. Para as que dentre nós são líderes de mulheres na Igreja, a busca da excelência é um grande e valioso anseio. Somos chamadas a dar um exemplo de excelência.

Que tipos de excelência iremos buscar? Recebemos do Senhor o dom do livre arbítrio. Diariamente ele nos coloca diante de opções — não apenas opções entre bem e mal, que são fáceis para a maioria de nós, mas opções entre duas coisas boas. 'Se houver qualquer coisa virtuosa, amável ou louvável, nós a procuraremos.' (13.ª Regra de Fé). Contudo, irmãs, não podemos ir em busca de todas ao mesmo tempo. "Tudo tem o seu tempo determinado." (Eclesiastes 3:1).

Há uma máxima que diz: "Se vale a pena ser feito, vale ser bem feito." Richard L. Evans, porém, comentou certa vez que certas coisas só valiam ser feitas, se não tivessem que ser tão bem feitas, que interferissem com coisas mais importantes.

Estabelecer prioridades é a chave para nosso êxito na busca da excelência. Como subsídio para estabelecermos algumas prioridades fundamentais, gostaria de dar-lhes dois exemplos em que as pessoas negligenciaram essas prioridades básicas.

O caso de Mical, filha de Saul, o primeiro amor e esposa de Davi, é uma das mais comoventes histórias do Velho Testamento, e de muita significação para as mulheres. Não há como duvidar do amor entre Davi e Mical. Saul o percebeu, quando Davi era um jovem de sua corte:

"E viu Saul e notou que o Senhor era com Davi; e Mical, filha de Saul, o amava. Então Saul temeu muito mais a Davi; e Saul foi todos os seus dias inimigo de Davi." (I Samuel 18:28, 29)

Porém, graças à intercessão de Jônatas, permitiu que Davi tomasse Mical por esposa; e quando, finalmente, teve de fugir para escapar à ira sangüinária de Saul, foi Mical quem preveniu o marido e auxiliou sua fuga. Anos mais tarde, quando as tropas de Davi haviam saído vencedoras e Saul estava morto, Davi exigiu o retorno de sua esposa Mical e voltaram eles a reunir-se.

Davi também trouxe a arca do convênio de volta para Jerusalém, e foi isto motivo para grande rego-







zijo, uma verdadeira parada, com música e danças durante todo o trajeto. "E Davi saltava com todas as suas forças diante do Senhor", contam as Escrituras, "e estava Davi cingido de um éfode de linho", (II Samuel 6:14), que era uma peça de vestimenta cerimonial. Evidentemente era bastante curto, pois quando Mical, olhando pela janela, viu o marido dançando à frente do cortejo em seu éfode de linho, seu senso de decência foi atingido. Lemos:

"E, voltando Davi para abençoar a sua casa, Mical, a filha de Saul, saiu a encontrar-se com Davi e disse: Quão honrado foi o rei de Israel, descobrindo-se hoje aos olhos das servas de seus servos, como sem pejo se descobre qualquer dos vadios." (II Samuel 6.20) Bem, é fácil imaginar qual não foi o choque daquele homem triunfante, impetuoso.

Mical era filha de um rei e sabia como os monarcas deviam conduzir-se, dando exemplo de excelência no vestir e comportamento. Ela estava certa. Mas quão erradas suas prioridades!

Davi, profundamente magoado e enraivecido, replicou: "Perante o Senhor que me escolheu a mim antes do que a teu pai, e a toda a sua casa, mandando-me que fosse chefe sobre o povo do Senhor, sobre Israel: perante o Senhor me tenho alegrado." (II Samuel 6.21)

E a história de Mical conclui com estas tristes palavras: "E Mical, a filha de Saul, não teve filhos, até ao dia de sua morte." (II Samuel 6:23)

Se ao menos Mical houvesse aprendido que se deve receber o marido com palavras brandas e amorosas. Se ao menos tivesse compreendido a alta prioridade do bom relacionamento pessoal, ela teria esperado e corrigido as maneiras de Davi com carinhoso tato e bom exemplo. Irmãs, coloquem o bom relacionamento pessoal, particularmente com aqueles a quem mais querem bem, perto do topo de sua lista de prioridades.

A experiência do pai de Mical, Saul, com o qual estamos bem mais familiarizadas, descreve a mais importante de todas as prioridades — a obediência à palavra do Senhor.

Quando o Senhor lhe concedeu a vitória sobre os amalequitas, foi com a ordem de que todos os amalequitas e todos os seus rebanhos fossem destruídos, sem exceção. Mas Saul tinha idéias próprias. Faltava-lhe a humildade para considerar a hipótese de que a **sua** percepção de excelência poderia não ser a melhor. Raciocinou que não fazia sentido matar **todas** aquelas ovelhas e gado. Certamente os melhores deviam ser poupados. Em sua juventude, Saul cuidara de rebanhos e apreciava a excelência na criação de animais. Além disso, seu povo queria ficar com os melhores rebanhos dos amalequitas, e Saul achava que convinha a um soberano ouvir a voz do povo.

E quando Samuel, o profeta vivo, convocou Saul para dar conta de sua desobediência à palavra do Senhor, Saul imaginou outra boa razão para poupar os melhores animais — serviriam de excelentes sacrifícios ofertados ao Senhor nas devidas e apropriadas cerimônias. Samuel, porém, disse: "O obedecer é melhor do que o sacrificar; e o atender melhor é do que a gordura de carneiros." (I Samuel 15:22) E o Senhor rejeitou Saul como soberano de Israel, porque suas prioridades eram falsas.

A palavra do Senhor através de seus profetas vivos tem prioridade sobre qualquer outra idéia nossa, por mais excelente que nos pareça. Assim também o trabalho do Senhor deve ter precedência sobre outras ocupações em nossa busca de excelência.

Queremos incentivá-las a procurar excelência nos estudos, como donas de casa, na Sociedade de Socorro e qualquer ocupação meritória, em seu devido tempo. Mas lembrem-se sempre de estabelecer suas prioridades por inspiração e dando ouvidos aos profetas vivos do Senhor.

Testifico que os homens que dirigem esta Igreja hoje são profetas vivos. Que nosso Salvador, Jesus Cristo, vive e dirige esta sua Igreja, por intermédio desses profetas. E que, por meio da obediência e amor, estudando, orando e escutando, nós podemos receber a inspiração necessária para estabelecer nossas prioridades particulares na busca da excelência.

O Papel da Mulher será Representado num Monumento da Sociedade de Socorro

Um monumento que simboliza as mulheres do passado, do presente e do futuro está sendo criado pela Sociedade de Socorro em Nauvoo, Illinois, onde a organização foi estabelecida pelo Profeta Joseph Smith, em 1842.

Na Conferência da Sociedade de Socorro em outubro de 1975, a irmã Bárbara B. Smith, Presidente Geral da Sociedade de Socorro explicou: "Por vários anos, os fatos e circunstâncias fizeram-nos pensar sobre a significativa história das mulheres da Igreja. Ao assim fazermos, nosso coração encheu-se de gratidão pela contribuição das mulheres SUD do passado que traçaram o caminho para nós seguirmos. Aquelas mulheres corajosas, firmes, inteligentes e indomáveis eram motivadas por sua fé e permaneciam inabalavelmente ao lado dos homens. Elas resistiam às perseguições e necessidades. Trabalhavam para ajudar a conseguir alimento e abrigo para suas famílias. Criavam seus filhos e trabalhavam com mãos, coração e mente para estabelecer um ambiente no qual pudessem viver o que acreditavam. Elas não trabalhavam por metas egoistas, mas por uma meta comum compartilhada por todos os homens e mulheres da Igreja — a meta de construir o reino do Senhor aqui sobre a terra. Somente com este propósito em mente, as mulheres da Igreja do passado trabalhavam para ajudar a tornar realidade os sonhos dos Santos dos Últimos Dias. As mulheres ajudaram a construir os templos e capelas; elas armazenavam cereais para um dia de necessidade; treinavam enfermagem e outras técnicas médicas; estabeleceram hospitais e procuraram manter o bem-estar e a saúde dos membros; apoiavam os missionários e o programa missionário. Trabalhavam por causas dignas, políticas e civis. Suas contribuições foram inúmeras e de valor incalculável.

"Ao pensarmos nas mulheres SUD de nossa própria época, ficamos igualmente impressionados. São mulheres corajosas que se defrontam diariamente com o desafio de viver o Evangelho num mundo onde as pessoas se interessam por coisas materiais e não espirituais. As mulheres de hoje são constantemente persuadidas a esquecer os papéis que o Senhor lhes deu.

"As mulheres da Igreja, do passado e do presente, foram e são mulheres especiais. São mulheres



Monumento idealizado pelo artista Dennis Smith (à direita).

inteligentes e laboriosas, colocadas aqui na terra nesta época para ajudarem a favorecer o trabalho do Senhor. Como ficamos impressionados com estes pensamentos e conversamos com a presidência anterior da Sociedade de Socorro, uma idéia se formou, e com a aprovação da Primeira Presidência, nós propomos para sua consideração. Propomos que nós, mulheres da Igreja atualmente, levantemos um monumento que será um símbolo dos ideais das mulheres SUD do passado, do presente e do futuro".

O monumento está agora em projeto. Em vez de uma obra de grande tamanho, o monumento será constituído por um número de peças separadas, representando as funções e mordomias das mulheres desde a infância, passando pela maternidade, até os serviços que ela continua a prestar nos últimos anos de sua vida.

O monumento será colocado numa área ajardinada de 111 m de comprimento e 73 m de largura, logo em frente ao Centro de Visitantes de Nauvoo. Idealizado pelo artista Dennis Smith, que executará a maioria do trabalho, também contará com peças esculpidas pela irmã Florence Hansen.

A figura central do monumento será a de uma jovem esculpida em tamanho maior do que o natural, vista pelo irmão Smith como "uma jovem avançando contra uma leve brisa, com seus longos cabelos e as dobras de seu vestido delicadamente empurrados para trás, dando uma impressão de confiança gentil".

Esta figura será colocada no centro de um grande canteiro de flores, em volta do qual serão colocadas outras quatro figuras esculpidas em tamanho natural. Estas representarão: u'a mulher esculpindo, exprimindo a idéia de utilização dos talentos criativos; uma lendo, exprimindo desenvolvimento intelectual; uma outra orando, e outra ainda de mãos estendidas, oferecendo-se para servir e ajudar os outros.

Mais à frente, ao longo dos caminhos do parque, que será guarnecido com árvores, estará a figura de uma jovem unidade familiar — pai, mãe e filho — expressando a mensagem de que os homens e mulheres estão conjuntamente encarregados das responsabilidades da paternidade e maternidade e de criar suas famílias em retidão.

Num outro grupo de figuras uma jovem está brincando com três cri-



Esta será a figura central do monumento: uma jovem esculpida em tamanho maior do que o natural.

anças. Esta cena demonstra que a capacidade feminina nas relações familiares não é restrita à maternidade. As mulheres solteiras podem obter e dar realização.

Outras figuras representam uma mãe preparando seu filho adolescente para suas responsabilidades na vida e uma mãe com um bebezinho em seus braços. Seguindo seus passos está uma filha mais velha olhando para sua mãe e antevendo suas responsabilidades e chamados futuros como mãe e dona de casa.

Também está representado um casal fazendo planos para a eternidade juntos e a figura de uma mulher mais idosa emendando um acolchoado e encontrando realização em servir e ajudar em seus últimos anos de vida. O desenho no acolchoado é de duas alianças entrelaçadas, dois círculos simbolizando o tema eterno do monumento todo.

A irmã Hansen criará duas partes especiais para o monumento. Uma simbolizará uma mãe compartilhando talentos com sua filha; a outra, que será localizada fora do Centro de Visitantes, será de Joseph Smith e sua esposa Emma, a primeira Presidente da Sociedade de Socorro. Esta peça representará aquele momento na história da Sociedade de Socorro, quando, na reunião de organização, o Presidente Smith presenteou Emma com uma moeda de ouro de 5 dólares para começar os fundos da nova organização.

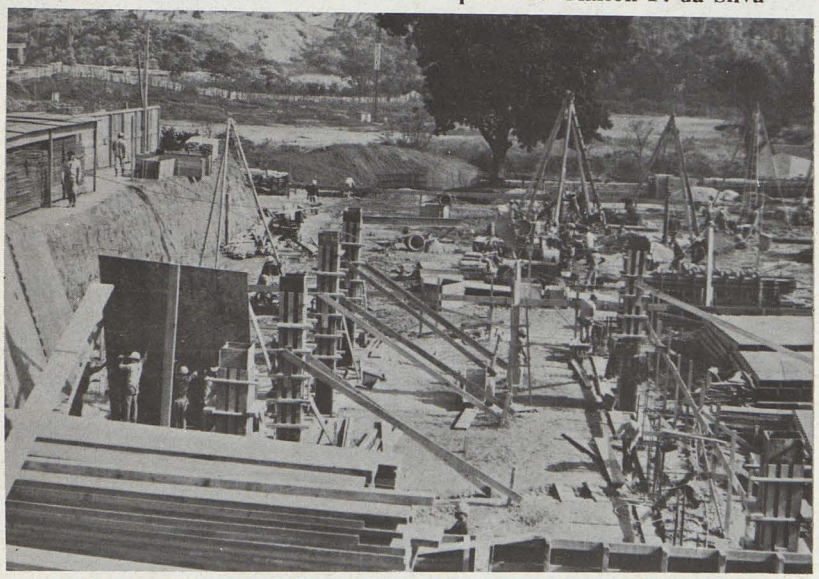
Aquela organização ampliou-se agora numa irmandade mundial de aproximadamente um milhão de membros. Foi requisitada de cada irmã a doação de uma modesta soma para a construção do monumento; os nomes de todas as contribuintes serão registrados para serem colocados no jardim.

"O propósito do monumento é duplo", diz a irmã Smith. "Primeiro, homenagear a criação da Sociedade de Socorro pelo Profeta Joseph Smith em Nauvoo, onde ele abriu as portas do conhecimento e da inteligência para as mulheres e segundo, retratar para o mundo o papel da mulher no plano do Evangelho, como é compreendido pelos Santos dos Últimos Dias".

A dedicação do monumento está programada para março de 1978, 136 anos após a fundação da Sociedade de Socorro.

NOTICIAS SOBRE O TEMPLO

por José Glaiton F. da Silva



Cerca de 100 homens trabalham na fundação das estacas e concretagem de colunas.

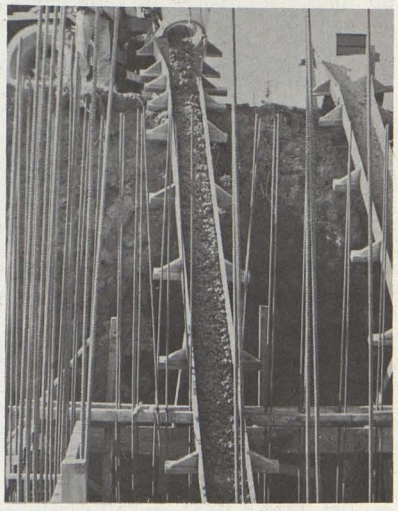
A Construtora Christiani-Nielsen mantém o ritmo das obras em regime acelerado. Cerca de 100 homens trabalham diariamente na primeira fase de fundação das estacas e na concretagem das primeiras colunas de sustentação.

Este trabalho vem sendo acompanhado pelos líderes da Igreja e pelo supervisor de construção, o Élder Jensen, os quais, juntamente com o Comitê de Construção, se reúnem todas as terças-feiras para avaliações e novas considerações quanto ao andamento das obras.

Todo esforço tem sido feito no sentido de acelerar a construção a fim de se conseguir terminar a obra no prazo estipulado pela Igreja, o que até agora foi conseguido, apesar do mau tempo que reinou no início das obras.

A Construtora Christiani-Nielsen começou, nestes úlimos dias, a concretagem da base onde será erguida a magnífica torre do templo.

Realmente este tem sido um trabalho maravilhoso, ao término do qual nosso Pai Celestial muito se alegrará.

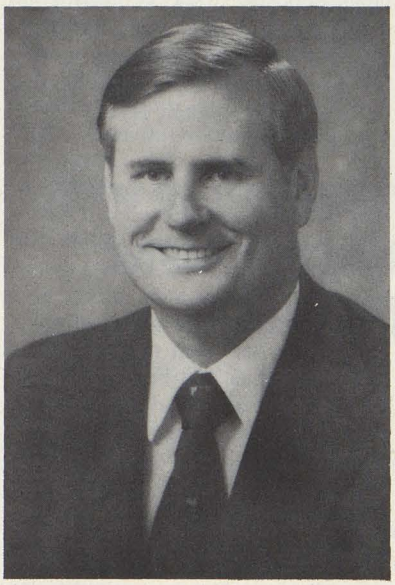


Concretagem da base onde será erguida a torre do Templo.

PERFIL DE UM LÍDER

ROGER E. BEITLER
PRESIDENTE DA MISSÃO BRASIL SÃO PAULO SUL

por José Glaiton Ferreira da Silva



Presidente Roger E. Beitler, da Missão São Paulo Sul.

Filho de pais americanos, descendente de grandes líderes, como Orson Pratt e Heber C. Kimball, o Presidente Roger E. Beitler nasceu em Los Angeles, no sofisticado bairro de Holywood, a 24 de maio de 1935.

Conta ele: "A família de meu pai era de uma cidade que agora pertence à Rússia. Vieram para os Estados Unidos em 1890. Meu pai, atleta profissional, jogador de baseball, conheceu a Igreja quando conheceu minha mãe".

Assim, o Presidente Beitler nasceu na Igreja. Freqüentou a Escola Dominical Júnior, a Primária, AMM, Seminário; realmente nasceu, cresceu e vive na Igreja.

Em suas palavras o Presidente Beitler narra passagens memoráveis de sua vida: "Lembro-me de que meus pais sempre foram bem ativos. Quando eu era jovem, no período entre 12 e 19 anos, época em que pertencia ao Sacerdócio Aarônico, havia um certificado de freqüência, que recebi pelos sete anos consecutivos com 100% de freqüência. Nunca perdi nenhuma reunião durante aquela época e lembro-me de ter sido elogiado pelo presidente de minha estaca."

Casado com Catherine Carr no dia 16 de junho de 1962, no templo de Los Angeles, tem 5 filhos, sendo 4 mulheres e um homem: Juliet, 10 anos; Rachel, 8 anos; Brigham, 5 anos; Sarabeth, 2 anos e a última é uma cidadã brasileira de nome Brenda com apenas 6 meses de idade.

Em 1955, o Élder Beitler veio para o Brasil pela primeira vez como missionário tendo como presidente de missão o Élder Asael T. Sorensem. Pouco antes de terminar sua missão, o jovem missionário exerceu o cargo de Presidente do Distrito em São Paulo e Rio de Janeiro.

Um mês depois de voltar da missão, foi convocado para a guerra da Coréia. Durante o tempo que ficou em combate percorreu toda a Coréia, Japão e China. Em junho de 1960 saiu do exército e naturalmente passou um pequeno período de tempo sem ocupar cargos na Igreja, mas sempre teve oportunidade de prestar seu testemunho a várias pessoas.

Logo após seu casamento em 1962, o Presidente Beitler foi para Washington DC para estudar na Faculdade de Direito pertencente à Universidade George Washington. Durante esta época exercia o cargo de professor da Escola Dominical para o Quorum dos Sacerdotes. Sua esposa, com apenas 19 anos, tinha o cargo de Supervisora das moças para toda a estaca.

Após sua formatura em 1966, voltou para Los Angeles, onde começou a exercer as funções de advogado. Aceitou vários cargos na Igreja, entre eles os de professor, diretor de esportes da estaca e membro do sumo-conselho da estaca.

Uma das maiores experiências espirituais que obteve durante esse tempo, é assim relatada: "Eu tinha o cargo de diretor de esportes. Fizemos um torneio de basquete e eu saí do trabalho mais cedo e fui para a capela, onde ficava o ginásio de esportes. Tive que limpar, mudar as cadeiras de lugar, arrumar tudo para o início das competições. Neste dia também fui o juiz. Durante aqueles jogos fui vaiado e isto me deixou muito triste.

Ao encerrar, todos foram para sua casa e eu fiquei sozinho e



Presidente Roger E. Beitler e sua esposa Catherine Carr.

limpei tudo novamente. Estava ficando desanimado, estava trabalhando demais. Quando fui fechar as portas, sem querer, fechei-me fora da quadra, ficando preso dentro da capela. Então pensei: "estou cansado, trabalhei tanto, fui vaiado, agora fico preso aqui, acho que é demais para mim. Naquele mesmo lugar onde estava abaixei a cabeça e fiz uma oração. Durante minha oração eu disse ao Pai Celestial que estava trabalhando demais, que não estava gostando de trabalhar tanto, que gostaria de ter pelo menos paz na alma, queria poder estar feliz depois que terminasse o trabalho que estava fazendo.

No mesmo momento que orava recebi dentro de mim um sinal que dizia: Não se preocupe Roger, você é meu servo digno, você é meu servo humilde e fiel. Fiquei tão feliz com aquela experiência maravilhosa, que dessa data em diante sempre procuro trabalhar mais do que qualquer outra pessoa".

Quanto ao crescimento da Igreja no Brasil o Presidente Beitler fez o seguinte comentário: "Eu estava lendo no meu diário algumas coisas que escrevi durante minha missão no Brasil e numa das páginas encontrei algo sobre os meus últimos meses de missão nos quais foram feitos 500 batismos em todo Brasil o que era algo maravilhoso, visto que no ano anterior só se haviam feito 170 batismos. Hoje em dia estamos batizando em média 70 pessoas por mês. Isto quer dizer que mais pessoas estão sendo batizadas por ano".

Quanto ao seu chamado, o Presidente Beitler tece suas considerações fazendo uma comparação entre o seu chamado e a construção de um navio. Diz ele: Ser presidente é realmente uma grande honra, mas é também uma grande responsabilidade. Nós gostamos que Deus deposite toda confiança em nosso trabalho. Há uma comparação que demonstra bem o que sentimos: "Quando se constrói um navio no estaleiro, quando o barco está pronto para ir ao mar, existe uma cerimônia, com bandeiras, músicas, champagne, as pessoas batem palmas, tudo isto para o barco, mas realmente o barco ainda não fez nada para merecer tanta comemoração. Não se sabe ainda se o barco vai flutuar ou se vai afundar.

O barco sai e vai para alto mar, onde as ondas e o vento lhe baterão e aí então o barco receberá a sua aprovação. Logo após, o barco voltará ao ponto de partida e as pessoas novamente o saudarão com bastante entusiasmo.

Quando fui chamado para presidir a missão, todos bateram palmas, fizeram festa para mim, deram-me os parabéns, mas eu ainda não tinha passado por prova nenhuma, porque ainda estava em casa. Agora, depois de um ano, acho que estou no meio do mar enfrentando as provas que realmente me testarão; aquelas provas espirituais necessárias para que possamos adquirir a espiritualidade para ser um bom presidente." O Presidente Beitler foi designado para a Missão Brasil São Paulo Sul pelo Élder Bruce R. MConkie.

Ao perguntarmos o que é preciso para se ter uma boa missão, o Presidente Beitler nos respondeu: "Existem duas coisas essenciais: uma delas é ter missionários alta-

mente obedientes. Temos uma definição de humildade em nossa missão: ser humilde é fazer as coisas pensando na vontade de Deus e nunca pensando em nós mesmos. A segunda é ter membros que possam selecionar pessoas para serem ensinadas e fazer com que as pessoas selecionadas se interessem pela Igreja e também que acompanhem estas pessoas na sua integração.

Assim, para que uma missão tenha sucesso precisamos ter bons membros e missionários trabalhadores, pois a missão realmente exige muito dos jovens. Uma qualidade que eles também precisam desenvolver é o amor; o missionário deve estar sempre alegre e entusiasmado com seu trabalho e deve aprender a não alimentar tristezas nem zanga. Quando os jovens aprendem estes princípios se tornam excelentes missionários. Alguns chegam à missão e não sabem destas coisas; pensam que terão um período de férias, que vieram fazer turismo. Mas após algum tempo de treinamento acabam adquirindo o verdadeiro espírito missionário e se revelam excelentes obreiros".

Com relação à construção do templo, o presidente Beitler declarou que sempre acreditou na possibilidade da construção de um templo no Brasil, desde que ele aqui trabalhou como missionário, há vinte anos, chegando até a registrar em seu diário essa convicção.

Relatando os sacrifícios feitos pelos membros de sua missão para arrecadação de fundos, o Presidente Roger Beitler disse: "Nossa quota é pequena pois temos só um distrito sediado em Londrina. São pessoas simples, mas com a ajuda de todos já conseguimos 60% de nossa quota. Não recebemos nenhuma doação grande. Estes sacrifícios que as pessoas estão fazendo realmente estão nos ajudando a alcançar nossa meta."

"Eu creio, acrescentou, que o templo não será construído por causa de grandes doações, mas sim pelos pequenos, mas freqüentes sacrifícios, que as pessoas fazem."

Finalizando, o Presidente Roger Beitler disse: "A mensagem que eu deixo para todos os membros é que a Igreja é verdadeira. Não há outra coisa mais importante do que este fato: nós temos a verdade. Agora, sabendo disto, tudo deverá ter um alto significado para nós. Sabendo que é verdade, temos que apoiar todos os profetas, apóstolos e líderes. Sabendo que é verdade temos que guardar todos os mandamentos. Sabendo que é verdade temos que assistir às reuniões, temos que fazer as visitas de mestres familiares, temos que fazer as reuniões familiares a cada segunda-feira. Se deixarmos de cumprir qualquer destas obrigações e outras que deixei de citar e que também são importantes, estaremos negando o nosso testemunho."

Ramo de Montenegro adquire terreno para construção de sua capela

Um dos aspectos que tornam os mórmons um povo peculiar, é a beleza de suas capelas.

Nada é mais aprazível do que estar em lugar tão belo, para ali adorar ao Pai Celestial e aprender sobre o seu Evangelho.

Com isto em mente, o Ramo de Montenegro, ramo pertencente a Missão Brasil Porto Alegre, adquiriu um terreno para construção de sua capela, situado no centro da bela e próspera cidade de Montenegro.



Terreno onde será construída a capela do Ramo de Montenegro.



Membros do Ramo de Montenegro.

O terreno está totalmente aplainado, tendo sido o trabalho de terraplanagem feito graciosamente pela Prefeitura de Montenegro. O terreno está à espera do início das obras da futura capela, ainda este ano, segundo informações dadas pelos líderes de sua missão.

Todos estão ansiosos para iniciar a construção da capela, pois o ramo cresce a cada dia que passa, nesta cidade do terceiro pólo petroquímico. Sem dúvida Montenegro cresce e há muitas famílias esperando para receber a mensagem do Evangelho de Cristo.

Parabéns aos membros pelo esforço e dedicação na obra do Senhor.

"Clamai a ele quando estais em vossos campos,
sim sobre todos os vossos rebanhos.
Clamai a ele em vossas casas e rogai pelos vossos,
tanto de manhã como ao meio-dia e à tarde.
Rogai-lhe que vos proteja contra o poder de vossos inimigos,
Rogai-lhe que vos proteja contra o diabo
que é o inimigo de toda justiça . . .
Mas isso não é tudo;
é necessário que descerreis vossas almas a Deus,
em vossas alcovas, em vossos lugares secretos em vossos campos.
Sim, e quando não clamais ao Senhor,
deixai que se encham vossos corações
de constantes e fervorosas orações pelo vosso bem-estar,
assim como pelo de todos os que vos rodeiam."
(Alma 34:20-23, 26-27)

